



## A crise da sociedade do trabalho

Estamos saindo do capitalismo industrial?

### Editorial

*Na semana passada, fomos inundados com os dados alarmantes do crescimento do desemprego no Brasil. Ao mesmo tempo, tomávamos conhecimento da ata do Copom, constatando a normalidade da situação econômica do País e da avaliação favorável do Banco Mundial, afirmando que o atual governo brasileiro está implementando uma revolução. Neste **IHU On-Line**, tendo presente o próximo 1º de maio, refletimos sobre o desemprego.*

*A crise do emprego pode ser interpretada como uma verdadeira ruptura histórica na longa dinâmica do capitalismo. Essa ruptura se manifesta, principalmente, em duas tendências do capitalismo contemporâneo. A primeira é o papel central do conhecimento na organização social da produção. O saber não é mais o monopólio de uma classe particular de cidadãos no sentido de Adam Smith, o que muda radicalmente a dinâmica do capitalismo industrial. A segunda tendência se manifesta no imponente processo de financeirização cuja genealogia está intimamente relacionada com as transformações da divisão do trabalho e da regulação da relação salarial.*

*A atenta leitura das entrevistas de Márcio Pochmann, Ricardo Antunes, Robert Kurz, Paolo Virno, André Langer e os artigos de Anselm Jappe e J. Rifkin, entre outros, permite vislumbrar que o atual desemprego, no Brasil e no mundo, manifesta uma crise mais profunda: a da sociedade do trabalho, que nos faz perguntar se não estamos vivendo o êxodo do capitalismo industrial. Aliás, **Estamos saindo do capitalismo industrial** é o título do fascinante livro, publicado no final do ano passado, na França,*

de autoria de Carlo Vercellone<sup>1</sup>. Ele nos serviu de inspiração na elaboração deste boletim, com o qual queremos contribuir para que o debate sobre o desemprego, nos partidos, na universidade e na sociedade brasileira, em geral, seja um pouco mais consistente do que tem sido. Conseguimos este objetivo? Tu, caro leitor, é que vais dizer!

Uma excelente semana para todos!

## “NUNCA ESTEVE TÃO LONGE A DISTÂNCIA ENTRE O PAÍS QUE PODEMOS SER E O PAÍS QUE SOMOS”

### Entrevista com Márcio Pochmann

*IHU On-Line* conversou com Márcio Pochmann, secretário do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade (SDTS) do município de São Paulo e professor do Departamento de Política e História Econômica do Instituto de Economia da Unicamp. Ele é bacharel em Ciências Econômicas, especialista em Ciências Políticas pela Associação de Ensino Superior do Distrito Federal, doutor em Economia pelo Instituto de Economia da Unicamp, especialista em Relações de Trabalho pela Universidade de Bologna, na Itália. É autor de inúmeros livros. É um dos organizadores do recém –lançado **Atlas da Exclusão Social. Volume 3: Os ricos no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

**IHU On-Line-** O governo atual está com os mais altos índices de desemprego. Trata-se de uma questão de conjuntura, ou algo mais profundo que o próprio governo não está sabendo decifrar?

**Márcio Pochmann-** De fato, estamos com uma crise estrutural de emprego no Brasil que foi adicionada por elementos de ordem conjuntural. Desde inícios dos anos 1990, o desemprego está crescendo no Brasil, agravado pelas opções do governo atual. Há para mim três motivos: o primeiro é a ausência de crescimento econômico. Estamos completando quase 25 anos sem crescimento econômico sustentável. Precisaríamos estar crescendo de 5 a 6% ao ano para poder abrir algo como 2 milhões e trezentos mil postos de trabalho a cada ano, que é o equivalente ao número de pessoas que ingressam no mercado de trabalho por ano. Como de 1981 até o ano passado, crescemos em média 2% ao ano, temos a geração de excedente de mão-de-obra. Esse é o primeiro motivo que leva a uma crise estrutural de emprego. O segundo motivo diz respeito a uma redução na participação dos salários na renda nacional. Em 1980, essa participação era equivalente a 50%. De todo o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, 50% era formado de salários. Em 2002, o último dado que temos, a participação dos salários na renda nacional era de 36%. O que significa essa queda? Significa uma maior pressão da classe trabalhadora, objetivando elevar ou compensar o efeito dessa queda de renda. Temos uma pressão muito grande de aposentados. Eles são 6 milhões que, embora estejam aposentados, não abandonam o mercado de trabalho, e isso dificulta o ingresso de jovens, por exemplo.

---

<sup>1</sup> **Sommes nous sortis du capitalisme industriel?**, organizado por Carlo Vercellone, professor da Universidade de Paris I e membro do comitê de redação da revista **Multitudes**. O livro se divide em três grandes partes: 1ª. Do capitalismo industrial à economia do conhecimento: a caminho de um século XXI pós-smitheano?; 2ª. Transformação da divisão do trabalho e financeirização; 3ª. Transformação da divisão do trabalho e novas formas de repartição: a renda social garantida. O livro é publicado pela Editora La Dispute de Paris.

Temos também um aumento considerável nas horas extraordinárias. Em 2002, tivemos 31 milhões de trabalhadores com jornadas acima de 44 horas semanais. Temos menos pessoas trabalhando mais, o que, obviamente, reduz a jornada de trabalho de indivíduos ou até deixa alguns sem emprego. Esses 31 milhões com jornadas além das 44 horas semanais estariam tirando 7 milhões de postos de trabalhos que não estão sendo ocupados, por causa das horas extras. E temos 5 milhões de crianças e adolescentes que, em tese, não deveriam estar trabalhando, mas, por força certamente da baixa renda, terminam buscando uma forma de ajudar à família. Tudo isso constitui essa queda na renda do trabalho. A terceira razão diz respeito à forma com que o País tem se inserido na economia mundial. O Brasil está transformado num país de especialização em atividades de baixo conteúdo tecnológico e reduzido valor agregado. Através do agronegócio, o Brasil está se especializando, por exemplo, em suco de laranja e outras atividades que utilizam pouca mão-de-obra e têm baixo valor agregado tecnológico, de tal forma que esse tipo de inflexão na economia mundial é pouco geradora de emprego e os que gera são precários.

**IHU On-Line- Qual é a saída que o senhor vê para cada um desses três fatores que assinala como responsáveis pelo desemprego?**

**Márcio Pochmann-** Em primeiro lugar, o Brasil não tem um projeto de desenvolvimento nacional. Não se sabe para onde vai. Se nós vamos continuar operando dessa maneira ou vamos fortalecer setores que são intensivos em tecnologias, por exemplo, que melhorariam a inserção do País na economia mundial. Existem países como a China, como a Índia, como a Coreia e a Irlanda que alteraram a sua participação na economia mundial, sobretudo porque se concentraram em setores que são mais competitivos e geram maior valor agregado que são setores intensivos em tecnologia. Nesse sentido, a constituição de um projeto de desenvolvimento precisa levar em consideração as oportunidades que a economia global abre e lamentavelmente não temos aproveitado isso. O segundo aspecto diz respeito a um choque distributivo que precisaríamos ter. Nós precisaríamos de uma reforma tributária que significasse a tributação dos ricos e não dos pobres como temos atualmente. Os impostos no Brasil oneram fundamentalmente os pobres. Os ricos não pagam impostos. Isso é um problema reformista. A proposta que o governo chamou de reforma tributária tinha como um dos seus objetivos introduzir imposto único de 4%, esse imposto não foi praticamente nem discutido, ele foi descartado. E ao mesmo tempo é absolutamente fundamental avançarmos nos programas de transferência de renda sobretudo para a juventude, filhos dos pobres, que não tem outra alternativa que não seja aumentar a escolaridade, completar o ensino médio, abandonar a entrada imediata no mercado de trabalho. Isso significa transferência de renda para que, de fato, eles possam completar o ensino médio, um programa como bolsa-família que garanta renda para os 4 milhões de jovens que estão fora do ensino básico e fundamental. Passar renda de quem tem para os que não a têm.

**IHU On-Line- Fala-se em redução da jornada de trabalho como saída, de fato menos pessoas estão cada vez trabalhando mais horas. Que saída haveria para essa situação?**

**Márcio Pochmann-** No caso da redução da jornada de trabalho, acho que é um componente importante, inclusive, na agenda da luta dos trabalhadores. O primeiro passo a ser dado certamente é a contenção das horas extras. As empresas, em geral, pagam já o adicional à hora normal, quando se trata da hora extra, então ou se aumenta drasticamente o custo da hora extra, fazendo com que esse custo a mais não seja transferido para o trabalhador, e sim para um fundo que ajudasse a financiar quem não está sendo contratado, porque os que trabalham fazem horas extras. Da forma como existe a hora extra atualmente no Brasil, o empresário não

precisa contratar imediatamente alguém, porque ele paga um pouco mais à pessoa que está trabalhando: interessa ao trabalhador e à empresa, mas prejudica aqueles que estão sem trabalhar. Eu penso que devem ser tributadas drasticamente as horas extras, só que essa tributação adicional iria para um fundo público, e não para o trabalhador. Essa forma desestimularia, mas não as evitaria, porque como diz o nome é hora extraordinária para algo eventual, e não deveria ser considerada uma cultura como acontece atualmente.

***IHU On-Line - Que relações poderíamos estabelecer entre o desemprego e a precarização do trabalho no Brasil e as relações do Governo com o Fundo Monetário Internacional (FMI)?***

**Márcio Pochmann-** Certamente há uma relação direta, porque os parâmetros estruturais da política macroeconômica não foram alterados. Há basicamente uma continuidade. Há alterações nos detalhes, mas não na essência da política macroeconômica, justamente aquela que acredita ser o papel do setor público residual na orientação das atividades econômicas em geral. Obviamente que esse esvaziamento do papel do Estado está diretamente ligado ao perfil dos postos de trabalho que são gerados no Brasil. Entre 1992 e 2002, 70% das oportunidades de trabalho que foram abertas estavam associadas a quatro tipos de ocupações: trabalho doméstico, trabalho ambulante, trabalho de asseio e conservação e trabalho de segurança, ocupações que não demandam grande escolaridade nem recebem grande remuneração. São muito precárias, em sua maioria à margem do sistema de proteção social ou trabalhista.

***IHU On-Line- Que novos empregos poderiam e deveriam ser criados urgentemente no Brasil? Por que isso não aconteceu ainda?***

**Márcio Pochmann-** Não aconteceu e nem vai acontecer se a economia não voltar a crescer. O governo podia ter tomado a iniciativa de ampliar, por exemplo, o seguro-desemprego, que seria uma forma de, se não aumentar o nível de emprego, pelo menos evitar que os desempregados tivessem um rebaixamento drástico no seu padrão de vida. Outra medida importante seria um grande programa de transferência de renda para pessoas desempregadas de longa duração, associado à capacitação prática e teórica. Um programa para mais ou menos 2 milhões de pessoas seria um passo importante do ponto de vista de estimular a economia e garantir algum nível de ocupação para essas pessoas, especialmente me refiro ao Estado, porque o setor privado não tem capacidade de antecipar gastos, quando não há sinais de recuperação da economia. Por outro lado, também seria necessário um ajuste drástico no programa Primeiro Emprego que se volta principalmente para os jovens, mas as opções que se tomaram para constituir-lo, lamentavelmente não apontam para esse sentido.

***IHU On-Line- Que possibilidades e que riscos o senhor vê nas reformas sindical e trabalhista que estão na agenda do Governo Lula?***

**Márcio Pochmann-** Trabalho com a hipótese de que o curso das reformas são justamente para fortalecer as entidades de representação de interesses de desempregados e empregadores, porque, do contrário, seria um equívoco, um enfraquecimento das instituições, já que elas são sustentáculos da democracia e um país como Brasil que não tem experiência democrática, seria extremamente grave enfraquecer ainda mais as instituições que representam interesses dos trabalhadores. A minha grande incógnita é que a perspectiva da reforma sindical e trabalhista não aponte para um projeto nacional de desenvolvimento. A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) é uma lei constituída tendo em vista um projeto de desenvolvimento do País, que era a industrialização e urbanização nacional. A CLT normatiza o trabalho assalariado, que, nos anos de 1930-1940, era residual no Brasil, no setor urbano. A principal ocupação não era

assalariada e estava no campo. O que houve foi o compromisso do País em constituir a chamada sociedade salarial, quando ainda o trabalho assalariado era minoritário. A CLT hoje tem várias décadas de existência, e o assalariamento continua como foi. A CLT se fosse instituída antes dos anos de 1930, provavelmente não teria a eficácia que teve, porque o modelo econômico era desfavorável ao assalariamento. Acho que é isso o que está faltando na discussão sobre a reforma sindical e trabalhista: que tipo de projeto de país nós queremos para as próximas cinco décadas? Qual vai ser o centro do trabalho? Vai ser trabalho assalariado, autônomo, cooperativo? Isso não está claro. Vai haver uma mudança que é basicamente interesse de assalariados. Hoje a cada dois ocupados um é assalariado. Outros são autônomos, e esse segmento não tem representação.

**IHU On-Line- As recentes declarações do presidente do PT, José Genoíno, afirmando que o rumo da política econômica do governo não vai mudar, estariam matando as esperanças da representação desses setores?**

**Márcio Pochmann-** Com certeza, o governo federal dá demonstrações de que ele está convencido de que, aplicando a mesma política econômica do governo anterior, pode obter resultados diferentes. Entendo que será algo inédito se isso ocorrer. Estamos condenados a colher resultados que já sabemos quais são.

**IHU On-Line- O que deveria mudar urgente nas universidades para que sejam instituições que não se conformem em preparar pessoas para o mercado de trabalho, e sim questionem mais esse mercado que expulsa pessoas e proponham outras alternativas?**

**Márcio Pochmann-** Eu entendo que a sociedade brasileira, de uma maneira geral, está inconformada com o País que nós temos hoje. Celso Furtado disse que nunca esteve tão longe a distância entre o País que podemos ser e o País que de fato somos. O papel da universidade, entre outros, é o de conhecer melhor a realidade brasileira e oferecer uma melhor avaliação do Brasil nas suas mais diferentes áreas de conhecimento. O primeiro passo para transformar a realidade é conhecê-la. Este é o compromisso da universidade: oferecer indicadores que permitam conhecer a realidade, para que o universitário, que tem acesso ao conhecimento, possa ajudar a transformar o País.

## **“ELIMINAR O DESEMPREGO NO CAPITALISMO É UMA FICÇÃO”**

### **Entrevista com Ricardo Antunes**

*Ricardo Antunes é Professor Titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Recentemente foi Visiting Research Fellow na Universidade de Sussex, Inglaterra. Fez concurso para Titular e fez Livre-Docência na Unicamp, em Sociologia do Trabalho. Doutorou-se em Sociologia, pela USP e fez Mestrado em Ciência Política na Unicamp. Publicou diversos livros entre os quais destacamos **A Rebeldia do Trabalho** (Campinas: Unicamp, 1986); **Adeus ao Trabalho?** (São Paulo: Cortez, 1998); e **Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 7ª edição, 2002.*

*Atualmente coordena a Coleção Mundo do Trabalho, pela Boitempo Editorial e Trabalho e Emancipação, pela Editora Expressão Popular. Colabora regularmente em revistas e jornais nacionais e estrangeiros. O professor, escritor e pesquisador conversou com **IHU On-Line**, por telefone na sexta-feira passada sobre o lugar do trabalho na sociedade contemporânea. Dele, **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 97ª edição, de 19 de abril de 2004.*

**IHU On-Line- A que o senhor atribui o sucesso do seu livro *Adeus ao trabalho?*, traduzido em várias línguas e em sua 9ª edição em português?**

**Ricardo Antunes-** O meu livro foi publicado em sete países, Brasil, Itália, Espanha, Argentina, Venezuela Colômbia e México. Eu atribuo a sua boa receptividade ao fato de que ele é uma resposta latino-americana para a crise que se passa no mundo do trabalho, onde em geral, as posições dominantes eram do tipo eurocêntricas, de autores como André Gorz, Habermas, Dominique Méda ou o norte-americano Jeremy Rifkin, para citar alguns exemplos. Acho que meu livro foi uma resposta, mostrando que é impensável falar do fim do trabalho sem olhar para o assim chamado terceiro mundo, onde se encontram dois terços da população humana que trabalha. O meu livro posterior *Os sentidos do trabalho* também está em sétima edição no Brasil e está sendo traduzido para o espanhol e o italiano. Este livro corresponde a um ano de pesquisa de pós-doutorado, feita por mim na Inglaterra, na Universidade de Sussex.

**IHU On-Line- Atualmente, o desemprego atinge, no Brasil, seus mais altos índices. O governo atual não está sabendo dar respostas nesse sentido?**

**Ricardo Antunes-** Tratar de desemprego implica tratar duas dimensões: a primeira eu chamaria de um desemprego estrutural. A lógica do sistema global do capital hoje, da transnacionalização da economia da chamada globalização ou mundialização da economia, as empresas na competitividade estabelecida entre elas em âmbito mundial Japão, EUA, Europa, América Latina, Ásia, etc., elas têm uma lógica: reduzir o trabalho vivo, ampliar o trabalho morto, ou seja, o maquinário técnico-científico, reestruturar a organização sociotécnica do trabalho, visando a aumentar a produtividade das empresas para poder entrar na lei da selva da competição. Essa lógica se intensificou com a crise estrutural do capitalismo, a partir de 1973, normalmente chamada de forma superficial de crise do Taylorismo e do Fordismo e com o neoliberalismo, que é o ideário e a pragmática própria da fase da reestruturação produtiva. Então combater o desemprego e imaginar que se vai eliminar o desemprego no capitalismo é uma completa ficção hoje. O sistema global do capital oscila entre a necessidade de ter o trabalho perene, mas, ao mesmo tempo, ter no outro pêndulo, o trabalho supérfluo. Uma parcela da classe trabalhadora é indispensável e ambas as parcelas da classe trabalhadora tornam-se supérfluas. Esse é o movimento do capital. Em segundo lugar, é também um problema mais conjuntural. Depois do Consenso de Washington e da implantação das políticas neoliberais, os governos são induzidos a implementarem o mesmo receituário, sejam governos de direita ou de esquerda. Esse receituário é o que já sabemos: privatização, financeirização da economia, desregulamentação do trabalho, flexibilização das leis trabalhistas, incentivo do mundo privatizado e desregulamentado. Conseqüentemente já há um fator estrutural que empurra para o desemprego, e a ele é acrescido um fator conjuntural que faz com que o sistema financeiro internacional, os organismos bilaterais ou multilaterais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e outros, e os governos nacionais dos países dominantes, EUA, Europa, etc. Se eles empurram os governos do conjunto do mundo para aplicarem políticas neoliberais, acentua o desemprego. Essa é a tragédia que embaralhou o governo Lula e da qual ele não tem mostrado nenhuma capacidade de sair. Prisioneiro desta impulsão estrutural do sistema capitalista que impele para o desemprego estrutural, Lula pratica uma política econômica em sintonia adequada à pragmática neoliberal. O resultado é esse que vemos nos jornais desta semana: São Paulo passou de 20% dos níveis de desemprego. Só na cidade de São Paulo, são mais de 2 milhões de desempregados. Há bairros em São Paulo com mais de 60% de desemprego. E isso não vai diminuir, é uma ilusão dizer que o País vai crescer, porque a política é totalmente vulnerável à pressão norte-americana. Este governo, continuando a política econômica anterior de FHC, continuando a política anterior de Collor, todos eles

seguindo uma política neoliberal, se mostra incapaz de, minimamente, tentar um projeto alternativo, embora tenha sido o discurso do PT durante 24 anos. Foi só Lula ganhar o poder para desdizer tudo o que disse no passado.

***IHU On-Line- A promessa eleitoral de criar 10 milhões de empregos é também uma ficção irrealizável dentro do capitalismo?***

**Ricardo Antunes-** Era uma manipulação de propaganda eleitoral. Duda Mendonça falou para ele o que o povo quer ouvir. Para que o Brasil pudesse criar dez milhões de empregos, ele precisaria ter um profundo crescimento econômico com outra política econômica. Crescimento econômico não é sinônimo de emprego. A ditadura militar cresceu muito e havia desemprego. O capitalismo pode crescer empregando pouco. A discussão atual sobre salário-mínimo é grotesca. Falamos de 260, 270 reais, o salário mais baixo da América Latina. O Brasil, que já foi a oitava economia do mundo, hoje está na 14ª, 15ª posição. Ter um salário abaixo da maioria dos países da América Latina é grotesco. O governo Lula está com salários baixos, com o grosso de nossa produção voltada para o pagamento dos juros e da dívida externa, para os juros do sistema financeiro internacional, imagina que vai alavancar a economia brasileira, criando fundos privados e pensão? Fundindo o sistema financeiro internacional e o sindicalismo de negócios? É ficção. O resultado é uma tragédia.

***IHU On-Line- Olhando para os outros países da América Latina, como o senhor vê que estão enfrentando a atual situação? É possível ainda no contexto global que algum estado-nação faça mudanças alternativas ao poder hegemônico do capital?***

**Ricardo Antunes-** É possível sim, e necessário. Se isso não for feito vamos intensificar a barbárie. Nós já vivemos a barbárie, com 20% de desemprego em várias capitais. Qual é a alternativa? Vamos começar pela Venezuela. Quando Chávez ganhou a eleição estava tudo preparado para privatizar a companhia de Petróleo venezuelana (PDV), um esquema norte-americano, interesses privados, os gestores da PDV corrompidos pela privatização, todos de acordo. O presidente Chávez travou esse processo. Sofreu uma brutal oposição e conseguiu reverter o quadro. Está com dificuldade, mas está buscando uma política de efetiva participação popular. O governo Kirchner, na Argentina, também é interessante. Foi eleito com baixa votação, tendo menos votos que Carlos Menem no primeiro turno. Não houve segundo turno porque Menem renunciou. Um governo que assumiu com um apoio popular muito fraco, mesmo assim, chamou o FMI e disse: “Não dá mais para fazer o que vocês estão querendo”. A Argentina era um país com razoável nível de seguridade social. Era um país com um padrão de vida bastante razoável para os padrões de vida latino-americanos e isso foi desmontado pela barbárie da ditadura militar e depois pelos governos Alfonsín e pelo arquiocorrupção governo Menem. Kirchner subiu e disse: “Não dá mais. Primeiro vamos arrumar a casa e depois vemos o que vamos fazer”. Imagine se o Lula tivesse feito isso com 53 milhões dos votos. Teria dito: “Não dá mais. Agora eu tenho 53 milhões de votos, uma população trabalhadora enorme. Tenho um nível de informalização do trabalho que é quase de 60%, um nível de indigência e miséria que passa de 30 ou 40 milhões, não posso mais segurar isso, vamos ter que mudar para valer a política econômica: queira ou não o FMI”. Era só articular com a Argentina, Venezuela, Cuba, Índia, China, Rússia. O Lula, ao mesmo tempo, que quer conversar com Chávez, Kirchner e Fidel, é o paladino do neoliberalismo. Quer se mostrar ao FMI como mais confiável que FHC, mais realista que o rei, quer ser uma espécie de nome de consenso. É uma piada, porque neste campo ou você está de um lado ou de outro. Tanto na política interna como na externa é um governo amedrontado e servil, em processo de erosão, o que é muito triste e preocupante, porque os que votamos no Lula imaginamos alguns níveis de mudança, não

tínhamos muita ilusão, mas algum nível de mudança. O que mudou foi dentro do neoliberalismo e para pior.

***IHU On-Line-* O governo argumentou justamente, em diversas oportunidades que não queria virar uma outra Argentina...**

**Ricardo Antunes-** É. Não queria que o Brasil virasse uma Argentina, só que agora, a Argentina está conseguindo devagarzinho resgatar um mínimo de dignidade, e o Brasil está virando o que a Argentina era dois ou três anos atrás, estamos chegando lá depois de um ano e quatro meses de política de governo, fazendo o que o FMI manda. O Lula tinha um capital social e político de 53 milhões de votos para dizer não ao FMI, hoje sua erosão é avassaladora. O PT hoje se confunde com o PSDB, PFL na política econômica, nos acordos e conchavos e até na corrupção. Eu não tenho nenhuma dúvida que, em 2006, o PT terá uma derrota fragorosa. É triste, mas é esse o quadro.

***IHU On-Line-* Nesse contexto, para onde caminha o trabalho?**

**Ricardo Antunes-** Estamos no século XXI, a primeira pergunta é que sociedade nós queremos? Queremos uma sociedade submissa, voltada para a acumulação de lucros do sistema financeiro, independente da humanidade ou nós queremos uma sociedade a serviço da humanidade. Essa é a primeira questão. E isso torna profundamente atual a questão do socialismo. Diferentemente do que ocorreu no século XX quando o socialismo foi derrotado, mas, com Fórum Social Mundial de Porto Alegre e da Índia, com o Zapatismo, o MST, as greves que ocorrem em certas partes do mundo, o movimento social na Bolívia, meses atrás, todos esses movimentos mostram que o descontentamento é enorme, e isso coloca uma questão central: o trabalho que estrutura o capital, desestrutura a humanidade: precarização, globalização, desemprego, sub-remuneração, exploração do trabalho, etc. Em contrapartida, o trabalho que estrutura a humanidade desestrutura o capital. O desafio do século XXI é resgatar o sentido do trabalho para que reconquiste o sentido de dignidade humana e estructure a humanidade. Para isso nós temos que desestruturar o sistema de mercado, de capital. Os apologistas da ordem vão dizer que isso é utópico, ou que não é novo. Nós respondemos que isso é o novo, o velho é reciclar o neoliberalismo e achar, como Fukuyama, que ele é inevitável. Entramos no século XXI com os EUA impondo para o mundo uma política agressiva, destrutiva e terrorista. Vamos aceitá-la? É inevitável? É a mesma lógica que destrói a natureza e o ambiente. Nunca nós vivemos no mundo com tanta destruição ambiental. Poluição da água, do ar, é uma destrutividade em escala mundial. A lógica dos manuais empresariais diz que para que uma empresa seja racional precisa enxugar a força de trabalho, flexibilizá-la, precarizá-la e desempregar, quanto menos trabalhadores ela tiver e mais produtiva ela for, melhor é. Se cada empresa, no plano micro, expulsa força de trabalho e avança na racionalização de trabalho, se todas fizerem assim, a racionalidade no plano micro tem como resultado uma brutal irracionalidade global. Vamos aceitar isso como inevitável?

***IHU On-Line-* Portanto, o senhor vê sentidos bem contraditórios no trabalho?**

**Ricardo Antunes-** O trabalho no capitalismo é servidão, é estranhamento, é alienação, é perda de sentido, é necessidade exteriormente imposta, é trabalho compulsório e forçado. Mas, quando se olha a história da humanidade, o trabalho também é criação, humanização, autoconstituição do gênero humano, o trabalho também é um momento de emancipação. Há uma dialética do trabalho: ele emancipa, mas também cria servidão; é autônomo, mas freqüentemente é heterônomo. Tem o sentido de emancipação, mas, com freqüência, é alienação. No século XXI, temos que pensar seu sentido fundamental: resgatar um trabalho



dotado de sentido, para que nossa vida fora do trabalho também seja dotada de sentido. É pura ficção imaginar que o trabalho possa ser desprovido de sentido dentro do trabalho e que nossa vida possa ser provida de sentido fora do trabalho. Esse é o núcleo do meu pensamento.

**IHU On-Line- Quais são os grandes pensadores do trabalho no momento atual?**

**Ricardo Antunes-** Eu faço parte de uma linhagem de autores que resgata esse sentido duplo, vivo e contraditório do trabalho. Então, por exemplo, eu simpatizo com a obra do francês Alain Bih<sup>2</sup>, tenho confluência também com István Mészáros, que escreveu o livro **Para além do Capital<sup>3</sup>**, obra monumental. Acho também importante o trabalho que o Robert Castel faz na França, especialmente ao mostrar os laços de sociabilidade que nascem na esfera do trabalho<sup>4</sup>. Eu recuso aqueles autores que fazem um réquiem do trabalho sem fazer um réquiem do capital. Eu acho muito fácil dizer que se quer o fim do trabalho, e não dizer que se quer o fim do capital. Fica a idéia de que podemos ter uma sociedade capitalista sem trabalhadores que é pura ficção. O que acho fundamental hoje é dizer eu quero o fim da sociedade destrutiva do capital e o fim do trabalho alienado, do trabalho abstrato, assalariado, e isso é condição para resgatar uma sociedade para além do capital e para além do mercado. Uma sociedade onde o trabalho seja dotado de sentido humano, criativo e societal. Eu tenho também uma grande admiração por Robert Kurz, porque faz uma crítica decisiva ao caráter destrutivo do capitalismo. Mas, tenho uma diferença grande com Kurz: ele acha que o trabalho é sempre alienado e que, portanto deve ser eliminado. Eu, na herança do pensamento de Marx e de Lukács, penso que o trabalho no capitalismo é alienado. O trabalho, na sociedade feudal é servil, o trabalho na sociedade greco-romana é escravocrata, mas o trabalho também é um momento fundante da atividade humana que permitiu, inclusive, que o homem se humanizasse e se diferenciasse dos animais. Nesse sentido, o trabalho pode ser criação, autonomia, e ponto de partida para emancipação, mas para isso é preciso destruir os pilares da sociedade do capital.

**IHU On-Line- Qual é sua mensagem para o dia Mundial do Trabalho e como a Universidade entra na hora de pensar o mundo do trabalho?**

**Ricardo Antunes-** O primeiro de maio simboliza um dia histórico. Um dia em que as forças sociais do trabalho disseram para o capital: “Este mundo não nos interessa”. O nosso desafio hoje é pensar nesta nova polissemia que marca o mundo do trabalho, como é possível que hoje o que eu chamo de “classe-que-vive-do-trabalho” possa resgatar o sentido de pertencimento de classe e reconstruir e redesenhar um projeto de sociedade de modo muito amplo, muito alargado. A universidade é fundamental nisso tudo, porque, tanto no Brasil quanto na América Latina, se tentou e, em alguns casos se conseguiu, destruir a universidade pública, porque ela pensa a humanidade e o sistema de mercado como a expressão viva da desumanidade.

---

<sup>2</sup> Alain Bih, doutor em sociologia trabalha na Université de Haute Alsace, Mulhouse e é autor entre outros livros, **Da Grande Noite à alternativa. O movimento operário europeu em crise**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, 2ª. Edição. Hoje pesquisa mais detalhadamente o avanço do movimento integrista na Europa. (Nota do IHU).

<sup>3</sup> Campinas: Boitempo/Ed. Unicamp, 2002.

<sup>4</sup> Robert Castel é autor do notório livro **As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário**, Petrópolis:Vozes, 1998. O último livro de R. Castel é **L'insécurité sociale. Qu'est-ce qu'être protégé?** (A insegurança social. O que é ser protegido?) Paris: Seuil, 2003. A revista **Alternatives Économiques**, no. 61, 3º trimestre de 2004, publica uma longa entrevista com o autor sob o título **Pour un nouvel Etat social** (Por um novo Estado social). Nota do IHU.

Mercado não rima com humanidade, capital não rima com humanidade; universidade rima com humanidade, por isso ela tem um papel importante.

## **A GLOBALIZAÇÃO DEVE SE ADAPTAR ÀS NECESSIDADES DAS PESSOAS, E NÃO O CONTRÁRIO**

### **Entrevista com Robert Kurz**

*IHU On-Line* entrevistou o sociólogo e ensaísta alemão Robert Kurz para a presente edição, por e-mail. Nascido em 1943, Kurz estudou Filosofia, História e Pedagogia. Atualmente vive em Nuremberg como publicista autônomo, autor e jornalista. Foi co-fundador e redator da revista teórica *Krisis - Beiträge zur Kritik der Warengesellschaft* (*Krisis - Contribuições para a Crítica da Sociedade da Mercadoria*). A área dos seus trabalhos abrange a teoria da crise e da modernização, a análise crítica do sistema mundial capitalista, a crítica do iluminismo e a relação entre cultura e economia. Publica regularmente ensaios em jornais e revistas na Alemanha, Áustria, Suíça e Brasil. O seu livro **O Colapso da Modernização** (São Paulo: Paz e Terra, 1991), também editado no Brasil tal como **O Retorno de Potemkin** (São Paulo: Paz e Terra, 1994) e **Os Últimos Combates** (Petrópolis: Vozes, 1998), provocou grande discussão e não apenas na Alemanha. Mais recentemente publicou **Schwarzbuch Kapitalismus** (*O Livro Negro do Capitalismo*) em 1999, **Weltordnungskrieg** (*A Guerra de Ordenamento Mundial*) e **Die Antideutsche Ideologie** (*A Ideologia Anti-alemã*) em 2003, não editados em português. De Kurz, publicamos um artigo na 26ª edição, de 15 de julho de 2002. Robert Kurz disponibilizou a entrevista a seguir, concedida ao **IHU On-Line**, em alemão, no sítio [www.exit-online.org](http://www.exit-online.org). A tradução da entrevista é da CP Traduções.

**IHU On-Line - No Brasil, está crescendo o desemprego em um governo de esquerda do qual se esperava uma solução para esse problema. Por que o desemprego parece uma questão sem resolução? Há algum outro modelo alternativo ao binômio emprego-desemprego para nossas sociedades?**

**Robert Kurz** - É uma contradição fundamental na forma de produção capitalista moderna, que por um lado ela se baseia na permanente transformação da energia humana em capital, e por outro lado obriga a concorrência para o desenvolvimento das forças de produção, na qual a mão-de-obra é transformada em objeto supérfluo. No passado, esta contradição sempre pôde ser compensada através da expansão dos mercados. Contudo, na terceira revolução industrial da microeletrônica, o efeito de racionalização é durável e maior do que o efeito da expansão. Até hoje, todos os modelos para se vencer esta crise global não obtiveram resultado, porque os mesmos não levam em consideração a obsoleta lógica de transformação de trabalho em capital e somente se ocupam da administração da pobreza. Se nos tornarmos improdutivos e cada vez mais recursos ficarem improdutivos, deveremos, em princípio, questionar categoricamente os atuais hábitos e formas de produção. Perante esta consequência, a discussão recua e ela se torna de certa forma maçante.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a relação entre Estado, mercado e terceiro setor? E o futuro dos partidos políticos e sindicatos?**

**Robert Kurz - Robert Kurz** - A política como tal se torna um modelo em extinção. Essencialmente, o Estado e a política respondem unicamente às consequências de processos cegos de mercado e concorrência. Se essas consequências não forem mais controláveis, a competência da política desaparece. Só podemos ser um sujeito da política, se formos também sujeitos do trabalho e do capital. Quanto mais as pessoas se desligarem da lógica trabalho/capital, menos insensatas se tornam as esperanças no Estado. Por este motivo, muitos já não acreditam mais nos partidos políticos. O fazer político como tal se tornou hoje, de certa

forma, uma rotação desengrenada<sup>5</sup>. As organizações não governamentais não se constituem em uma alternativa, uma vez que se entendem por meras empresas não críticas de reparação das sociedades totalitárias de mercado. Elas deveriam empenhar-se abertamente em opor-se à ordem dos fatos e pensar em um mundo além do mercado e Estado, não como organizações subalternas de ajuda paralela ou até mesmo inerentes à administração capitalista da crise, mas sim em contraposição a isso. Os sindicatos também ficaram sem ação, porque eles só foram concebidos para a expansão histórica do trabalho assalariado. Na atual crise global, esta área se tornou vacilante. Poderia haver, então, espaço para a demanda sindical para o Estado e empresas. Mas em vista das atuais exigências, os sindicatos estão paralisados, enquanto se mantiverem presos à lógica do trabalho assalariado e enquanto assumirem a responsabilidade do sistema vigente.

***IHU On-Line - Quais são suas divergências com a idéia de flexibilização do trabalho de Ulrich Beck e as idéias de trabalho imaterial de André Gorz? Como o senhor vê a reflexão de Paolo Virno e Maurizio Lazzarato?***

**Robert Kurz** - Há alguns anos, novos conceitos estão sendo trazidos a debate, os quais, todavia, não contribuem muito para uma análise crítica, porque provêm do discurso do gerenciamento. A flexibilização, que foi elogiada como método da auto-realização, é na realidade, um método de auto-adestramento às exigências alheias do sistema em crise. As pessoas devem analisar-se como seu próprio capital humano, cada eu deve ser uma pequena empresa, cada indivíduo deve ser um meio único da autovalorização. Ser flexível parece não significar mais do que degradar-se em um autômato, o qual mecanicamente reage aos comandos e sinalizações do mercado. É a forma mais sutil de desumanização. No mesmo âmbito, encontra-se o conceito do trabalho imaterial, o qual pertence ao discurso da sociedade intelectual ou à sociedade da informação. Em primeiro lugar, uma grande parte das assim denominadas atuações/atividades imateriais nos campos da medicina, cultura, educação, assessorias, etc., são pouco caracterizáveis como capitalistas. Não se trata, assim, de amplos campos de aproveitamento do capital, ou seja, transformação do trabalho em capital, como no passado, na indústria automobilística. Ao contrário, estes campos aparecem segundo a lógica capitalista como custos (sociais ou empresariais). Em segundo lugar, tenta-se de igual maneira, dentro do contexto capitalista, reduzir e adaptar as potências dos campos imateriais através da racionalização e privatização. Através do processo cego de desenvolvimento capitalista, possibilidades civilizatórias surgiram, as quais ultrapassaram o sistema moderno de produção, porque estas não podem mais ser banidas da lógica trabalho, valor, produto e capital. O conceito do trabalho imaterial torna-se, desse modo, uma contradição em si, porque as atividades e possibilidades imateriais se opõem especificamente à abstração capitalista trabalho. Não há sentido em somente se modificar o conceito moderno de trabalho, ele deve ser categoricamente negado.

***IHU On-Line - Qual é o papel da Universidade numa sociedade com grandes massas de desempregados?***

**Robert Kurz** - As universidades são as instituições clássicas para a educação. Como todas as instituições civis, elas se baseiam na economia da sociedade de trabalho de massa, ou seja, no aproveitamento do capital. Como campos secundários, nos quais a lógica do aproveitamento não foi diretamente eficiente, as universidades foram consideradas como um certo luxo intelectual de pesquisa, formação e reflexão crítica na história da expansão capitalista. No

---

<sup>5</sup> No original em alemão: Der ganze politische Betrieb ist nur noch ein Leerlauf. (Nota do IHU)

auge da expansão, na era da indústria fordista (indústria automobilística), pareceu por um tempo que até os filhos da classe trabalhadora em grande escala, teriam acesso às universidades, como se fosse possível substituir os trabalhadores de massa por intelectuais de massa. Mas isso foi uma ilusão, porque, afinal de contas, a educação capitalista somente pode existir como ponto elitista na base do trabalho de massa. Desde que a expansão histórica se transformou em contração histórica, também as universidades sentiram a crise global da terceira revolução industrial. Uma sociedade de massa de desempregados é uma sociedade da necessidade financeira. Para os campos secundários, entre elas a educação, desaparece significativamente a financiabilidade. Quanto mais os políticos dificultarem a necessidade de investimentos na educação para a concorrência no mercado mundial, mais dificuldades e restrições encontrarão as escolas e universidades. Os administradores, funcionários e ideologistas do sistema querem vencer esta contradição, reduzindo a educação social e os conteúdos. O conceito de elitização impor-se-á novamente, através da privatização, mensalidades caras, e através do fomento de menos universidades de ponta, o que deverá produzir em uma base menor a qualificação para o mercado mundial, à medida que os supérfluos da educação serão cortados. O capitalismo não pode substituir os trabalhadores de massa por intelectuais de massa, mas sim, somente pela barbaridade analfabetizada de massa. Mas o estreitamento social, vinga-se com o estreitamento intelectual nos programas curriculares das universidades. A ciência deve transformar-se diretamente em máquina de aproveitamento, a lógica econômica empresarial devora a pesquisa livre, a reflexão crítica sucumbe como luxo dispensável. Uma crescente massa de analfabetos desempregados depara-se com uma pseudo-elite de intelectuais idiotas funcionais, os quais se declaram incapazes de gerenciar o grau alcançado de socialização altamente complexo e híbrido. As universidades só poderão retirar-se desta tendência de decivilização, quando se opuserem ao elitismo (Elite-Lobbysmus) e ao reducionismo econômico. Deverá haver um movimento dos sábios desobedientes, os quais se envolvam com os novos movimentos sociais, sem levar em consideração a antiga paralisada classe política de esquerda. Se as chances continuarem igualmente menores, a comunidade de docentes e discentes poderá partir para a subversão intelectual e transformar a universidade em campo experimental para uma cultura de oposição.

### ***IHU On-Line - Quais são os principais desafios da globalização?***

**Robert Kurz** - Constantemente nos é pregado, que devemos nos adaptar à globalização. Se a globalização for realmente irreversível, não haverá volta para a reprodução nacional da sociedade. Mas a tarefa consiste em que a globalização se adapate às necessidades das pessoas, e não o contrário. A longo prazo, isso só será possível, se a sociedade mundial libertar-se do jogo do economismo real e organizar seus amplos recursos em uma nova forma, além do mercado e do Estado. Para se alcançar este objetivo, os movimentos contrários precisam estar à mesma altura do monopólio de capital. Este é também o desafio decisivo dos sindicatos. Eles precisam se libertar de sua forma de organização nacional. Enquanto a forma do partido político, em essência, permanecer ligada ao quadro estatal, e daí por si mesmo ser reacionária, a luta social em princípio se tornará de igual maneira monopólio como a economia empresarial capitalista. Mas até agora os novos movimentos sociais estão ainda orientados no sentido tradicional internacional do que realmente transnacional. Isso se explica porque estes movimentos ainda se orientam nas formas passadas de regulamento estatal (nostalgia keynesiana). Estas formas de regulamento não podem, todavia, ser expandidas para o plano de monopólio de globalização, porque não existe um estado mundial. Com isso, fica claro que atualmente a consciência oposicional se prende às categorias obsoletas do sistema moderno de produção de bens. Nação, trabalho e produto precisam ser dominadas. Enquanto os

movimentos contrários ainda se relacionarem positivamente com estas categorias, eles permanecerão susceptíveis ao populismo nacionalista e às tendências racistas e anti-semitas. Um dos maiores desafios da globalização é conferir à estas falsas alternativas uma forte recusa.

### ***IHU On-Line* - Como caracterizaria a sociedade a qual o grupo Krisis aposta?**

**Robert Kurz** - Infelizmente, tenho que dizer que o grupo crise (Krisis) vigente até agora, não mais existe. O grupo se desfez, porque havia divergências sobre a crítica do Iluminismo social e a forma de sujeito moderna masculina. A respeito disso, algumas pessoas queriam ter o mérito de nossa polémica. A maioria da até agora atual redação de Krisis publica uma nova revista teórica chamada EXIT!. Tais quebras já conhecemos da história dos esquerdos. Ao que parece, eles não se deixam intimidar sob as novas exigências. Uns ficam parados, outros vão adiante. Mas isso não muda nada no caráter social da iniciativa. O novo grupo também é uma associação livre para a teoria crítica fora das instituições acadêmicas. Nós não somos, no sentido dogmático da palavra, anti-acadêmicos, mas sim, também contamos com pessoas do serviço institucional de ciências. Trata-se de saber se se levará a crítica emancipatória para as universidades. Isto só será possível através de uma posição independente institucional e não só de conteúdos. Talvez isto seja o futuro das reflexões críticas intelectuais, a saber, a auto-organização em grupos autônomos, os quais se desliguem das tutelas burocráticas.

## **PENSAR OUTRAS FORMAS DE PRODUÇÃO E CONSUMO**

**Por Anselm Jappe**

*Anselm Jappe fez parte do grupo Krisis. No Brasil, a circulação das idéias do grupo está associada a Robert Kurz, autor do livro, já clássico, **O Colapso da Modernização**, Ed. Paz e Terra, 1992, e um dos editores, até recentemente, da revista **Krisis** que propõe uma análise da sociedade contemporânea a partir da crítica do valor, do sistema produtor de mercadorias e seus fetiches. Para o grupo Krisis a “crise da sociedade do trabalho”, o estado crítico do “capitalismo global de cassino”, as “bolhas do capital financeiro fictício” e a “honra perdida do trabalho” coloca o mundo na encruzilhada: acirramento da barbárie de um modelo socioeconômico de privações ou sua superação. Aqui reside a importância do Brasil. Para Jappe o Brasil pode ser o país do futuro “se considerarmos sua potencialidade para sair do capitalismo industrial e para caminhar em direção a uma sociedade em que os meios criados pela humanidade não sirvam mais para mover uma máquina que gira em vão, mas para satisfazer as necessidades e desejos humanos”. Anselm Jappe é autor do livro, entre outros, **Guy Debord**, Petrópolis: Vozes, 1999. O artigo, a seguir, foi escrito, em italiano, pelo autor para a presente edição de **IHU On-Line**. A tradução é do **IHU On-Line**.*

A miséria e o desemprego se espalham pelo mundo afora e se difunde cada vez mais a sensação de que vivemos numa época de crise contínua e aguda. Mas não sempre se tem em conta um fato tão fundamental quão elementar: não são as capacidades produtivas que estão em crise. Pelo contrário, se produz muito mais do que se usa, e se joga, literalmente, no mar os “excedentes” alimentares. O que efetivamente está em crise é o mecanismo de mediação, representado pelo dinheiro: no capitalismo, se produz somente aquilo que pode ser transformado em dinheiro, o que é vendido no mercado, caso contrário se abandona a produção, por mais útil que ela possa ser; e somente quem consegue transformar a sua força-trabalho em dinheiro pode aceder aos produtos disponíveis, caso contrário permanecem inutilizados. Não se quer, então, grandes projetos utópicos para imaginar outras formas de consumo e de produção: o importante seria uma produção voltada para a satisfação das necessidades sociais, e não para satisfazer a cega necessidade do sistema baseado sobre o

valor, sobre a mercadoria e sobre o dinheiro de crescer continuamente. Precisariamos de uma produção que se preocupe dos conteúdos ao invés da auto-reprodução tautológica de uma forma vazia: o valor como representação fictícia do trabalho passado. Mas é evidente que seria inútil dar conselhos aos governos de como chegar a isso. Na sociedade da mercadoria, o Estado não pode ter outra função que a de garantir o mínimo de coesão sem a qual esta sociedade, baseada sobre a concorrência, se dissolveria imediatamente numa guerra de todos contra todos. Qualquer governo, independentemente das suas intenções, deve necessariamente buscar garantir a valorização do capital e tornar-se escravo dos “mercados”. A estrada da emancipação social não pode passar pela tomada do poder ou a conquista do Estado. Este, de qualquer modo, se reduziu quase que inteiramente a uma carcaça vazia. A emancipação social deve passar por uma longa estrada, feita de múltiplas experiências de autoorganização e de reapropriação direta dos recursos materiais e imateriais, lá onde vale a pena. Não se trata mais de pedir “postos de trabalho”, mas de reivindicar o direito de todos a uma vida boa, já que os pressupostos para isso estão dados: o direito de não morrer de sede em meio à água. A recusa do trabalho não significa, certamente, uma recusa da atividade. Absolutamente não se trata disso, mas o contrário: muitas vezes é a própria sociedade baseada sobre o trabalho que impede as atividades sensatas, por exemplo, quando o mercado mundial constringe milhões de agricultores no mundo a abandonar os seus campos, porque não são mais “rentáveis”. A recusa do trabalho não significa, igualmente, a expectativa de um duvidoso paraíso tecnológico, onde ficaremos olhando somente as máquinas trabalhando no nosso lugar. Significa, sim, não aceitar mais que a própria existência dependa da venda da própria força-trabalho, uma venda que prescinde de toda e qualquer consideração do conteúdo do trabalho e que todos devem tentar mesmo quando esta força-trabalho não é mais requerida pelos processos produtivos. Na verdade, é a própria sociedade do trabalho, reduzindo cada dia o trabalho necessário e declarando para a maior parte dos seus súditos que ela não mais necessita dos seus serviços, que trabalha para a abolição da sociedade do trabalho. Uma saída emancipatória desta situação é possível, mas não está, absolutamente, garantida. Certamente, os sindicatos e os partidos tradicionais de esquerda não compreenderam esta situação. Isso quando chegam, em muitos casos, a se vender ao “realismo” neoliberal, sonhando, no melhor dos casos, com um impossível retorno de um idealizado “welfare state” (estado de bem-estar social) de trinta anos atrás. Certamente, no Brasil, essas nostalgias são mais absurdas que em outras partes do mundo. Pois aqui o capitalismo nunca funcionou na sua forma “clássica”, como integração da população inteira no ciclo de uma produção maciça e de um maciço consumo de mercadorias. Toda teoria do “desenvolvimento”, que quer introduzir com trinta anos de atraso aquilo que não funcionou nem nos países mais “ricos”, está condenado à falência. Mas, talvez, nisso reside também a chance para o Brasil: ele não deve, necessariamente, passar por todo o ciclo capitalístico<sup>6</sup>. Em muitas regiões do País, existem ainda tradições pré-capitalistas que nos seus aspectos positivos – por exemplo a confiança no trabalho ou no espírito de comunidade – poderiam desenvolver um papel emancipatório. A idéia bizarra que se vive somente para trabalhar e acumular dinheiro parece estar menos enraizada nas cabeças das pessoas no Brasil do que nos países mais “avançados”. Até que as mudanças sociais não serão imediatamente mundiais, a grandeza do Brasil e as suas riquezas naturais podem garantir que as tentativas de construir uma sociedade diferente não sejam abafadas pela eventual

---

<sup>6</sup> Esta idéia o autor defende de maneira mais ampliada no relato de uma viagem pelo Brasil e que foi publicado na **Carta Capital**, 26-4-2000. Esse relato pode ser consultado também no boletim **Cepat Informa** no. 61, p. 21-29, de 2000.

hostilidade do mundo circunstante. E se se acredita que a campanha e a agricultura devem desenvolver um papel de primeira grandeza na construção de uma sociedade emancipada, então o Brasil será uma terra eleita para uma tal construção.

## O DESEMPREGO DE MASSA

### O DIREITO À VIDA NÃO PASSA MAIS PELO TRABALHO ASSALARIADO

#### Entrevista com Paolo Virno

*Entrevistamos por e-mail o filósofo Paolo Virno, militante nos anos 70 na autonomia operária. Atualmente, Virno é professor na Universidade da Calábria (Itália). Esteve preso durante três anos, processado com Antonio Negri, acusado de pertencer a uma organização terrorista. Foi absolvido. IHU On-Line publicou a resenha de dois livros seus (**Gramática de la Multitud**, Buenos Aires: Colihue, 2003; e **El Recuerdo del presente**, Buenos Aires: Paidós, 2003) na 71ª edição, de 18 de agosto de 2003.*

#### **IHU On-Line - O que significa estar na era do desencanto? De que maneira o trabalho e o desemprego contribuem para essa era?**

**Paolo Virno:** Quais são os principais requisitos requeridos aos trabalhadores hoje? Que sejam capazes de mudar rapidamente, prontamente se adaptando a novas regras, que sejam capazes de acompanharem as mais bruscas reconversões produtivas, que renunciem a qualquer tradição estável. Atenção, esses requisitos não são o fruto do disciplinamento industrial, mas, antes, o resultado de uma socialização que tem o seu baricentro fora do trabalho, modelada pela mudança repentina de usos e costumes, pela permanente mudança das formas de vida. Pode-se fazer a hipótese que a “profissionalidade” efetivamente requerida no novo lugar de trabalho consiste precisamente nos dotes que se adquirem durante uma prolongada permanência num estágio pré-laborativo ou precário. Na espera de um trabalho, aqueles talentos genericamente sociais são desenvolvidos como também o hábito de não contrair hábitos duráveis que, uma vez adquiridos serão, uma vez encontrado o emprego, autênticas algemas. A atual organização do trabalho conta com aquela forma de subjetividade que, no passado, era definida como “nihilística”: uma subjetividade na qual predominam a incerteza das expectativas, variabilidade das colocações, identidades frágeis, desenraizamento, etc. Assim, a globalização faz com que o trabalho seja imbuído por sentimentos de desencanto: oportunismo, cinismo, medo.

#### **IHU On-Line - Vivemos numa sociedade que engendrou milhões de desempregados, além de condições muito precárias para aqueles que estão trabalhando. Que sinais de alternativas o senhor vê que buscam uma humanização do mundo do trabalho?**

**Paolo Virno:** Creio que estamos vivendo uma crise geral da sociedade do trabalho. Esta crise não coincide com uma contração linear do tempo de trabalho como acreditam Gorz e Rifkin. Consiste, mais precisamente, no fato de que, hoje, a riqueza social é produzida, sobretudo, pela ciência, pela informação, do saber em geral. Não mais, ou muito menos, pelo trabalho feito pelas pessoas singularmente. No entanto, este termo continua valendo como parâmetro do desenvolvimento e da distribuição da renda. O tempo de trabalho é a unidade de medida vigente, mas não mais verdadeira. Poderíamos dizer o seguinte: a superação da sociedade do trabalho acontece cada vez mais nas formas prescritas do sistema social baseado sobre o trabalho assalariado. O tempo em excesso, ou seja, uma potencial riqueza, se manifesta como miséria: desemprego estrutural (provocado pelos investimentos, não pela sua falta), ilimitada flexibilidade no emprego da força-trabalho, proliferação de hierarquias, etc.

A crise da sociedade do trabalho implica que *toda* a força-trabalho contemporânea pode ser descrita com as categorias com que Marx analisou o “exército industrial de reserva”, ou seja, o desemprego. Marx entendia que o “exército industrial de reserva” podia ser subdividido em três tipos: *fluido* (hoje o chamariamos de *turn-over*, aposentadorias antecipadas, etc), *latente* (lá onde, a qualquer momento pode ser introduzida uma inovação tecnológica que dispensa o emprego), *estagnada* (nos termos atuais: trabalho precário, atípico, etc.) E hoje, fluida, latente ou estagnada é a classe operária empregada enquanto tal. Não há mais nenhuma linha divisória entre trabalho e não-trabalho.

**IHU On-Line - No Brasil, o presidente Lula prometeu, na campanha eleitoral, a criação de 10 milhões de empregos, mas, no entanto, o desemprego aumenta mais que no governo anterior, que não era de esquerda. Até que ponto pode ser resolvido o problema do desemprego no estado-nação na época da globalização, por mais que se tenha um governo de esquerda?**

**Paolo Virno:** Tenho admiração por Lula. Mas não acredito que seja possível refazer etapas já passadas do desenvolvimento capitalista: não se pode, por exemplo, querer refazer a época do pleno emprego, ou seja, a época do fordismo e do keynesianismo. O que está em jogo, hoje, é o esgotamento do trabalho assalariado e não o seu aumento. O desemprego de massa coloca o problema do “direito à vida” que não passa mais pelo trabalho sob as ordens de um patrão, parcelado e repetitivo.

**IHU On-Line - Porque é importante entender o conceito de multidão para poder fazer uma leitura da sociedade contemporânea e que lugar tem o trabalho na sociedade dos “muitos”?**

**Paolo Virno:** As formas da vida contemporânea atestam a dissolução do conceito de “povo” e a renovada pertinência do conceito de “multidão”. Esses dois conceitos, que emergem como pedras angulares no grande debate a partir do século XVII, donde descende boa parte o nosso léxico ético-político, se colocam, hoje, como antípodas. O “povo” tem uma índole centrípeta, converge numa *volonté générale*, é a interface ou o reflexo do Estado; a multidão é plural, não se deixa abarcar pela unidade política, não estipula pactos nem transfere direitos ao soberano, recalitra em obedecer, se inclina por formas de democracia não representativa. Na multidão, Hobbes individuou a máxima insídia para o aparato estatal, (“os cidadãos, então se rebelam contra o Estado, são a multidão contra o povo”) e Spinoza viu nela a raiz da liberdade. Desde o século XVII, quase sem exceção, prevaleceu incondicionalmente o “povo”. A existência política dos muitos enquanto muitos foi expulsa do horizonte da modernidade: não somente pelos teóricos do Estado absoluto, mas também por Rousseau, pela tradição liberal, pelo próprio movimento socialista. Hoje, no entanto, as multidões retornam com força caracterizando todos os aspectos da vida associada: costumes e mentalidades do trabalho pós-fordista, paixões e afetos, modos de entender a ação coletiva. Quando se constata este retorno, é preciso evitar um mal-entendido. Não é que a classe operária se extinguiu para dar lugar aos “muitos”: pelo contrário, e o caso é bem mais complicado e interessante, os operários, permanecendo como tais, não têm mais a fisionomia do povo, mas exemplificam perfeitamente o modo de ser da multidão. Precários, desempregados, trabalhadores flexíveis: todos esses, me parece, podem ser concebidos como “muitos” irredutíveis a uma Unidade (partido, Estado, soberano). A multidão contemporânea é uma rede de singularidades. Cada um dos “muitos” se caracteriza por aquilo que ele tem de único e irrepetível na sua existência individual, mas, ao mesmo tempo, ele é correlato, intimamente, com os outros “muitos”. Neste sentido, me parece eficaz uma expressão de Marx: indivíduos sociais. Tanto mais “indivíduos”, quanto mais “sociais”.



**IHU On-Line - O que significa “necessitamos praticar uma desobediência radical”? Como o senhor a tem praticado em sua vida e que conseqüências isso lhe trouxe?**

**Paolo Virno:** A “desobediência civil” representa, talvez, a forma basilar de ação política da multidão. Contudo, porém, que ela seja emancipada da tradição liberal na qual foi encapsulada. Não se trata de não respeitar uma lei específica porque incoerente e contraditória com outras normas fundamentais, por exemplo, com a carta constitucional: em tal caso, de fato, a desobediência seria o testemunho de uma lealdade ainda mais profunda ao comando estatal. Ao contrário, trata-se de colocar em questão a própria faculdade de comandar do Estado, aquela obrigação de obedecer antes mesmo de saber que coisa nos será ordenado. Em outras palavras, é preciso estraçalhar aquele “monopólio da decisão política” que o Estado representa (a definição é de Carl Schmitt). A multidão é “antimonopolítica” e, precisamente por isso, desobediente. Quanto a mim, passei três anos na prisão, no início dos anos 1980, acusado de “associação subversiva”. Mas era um período diferente: mais que “desobediência radical” se tratava, então, de “revolução política”. Portanto, a desobediência toma o lugar da revolução, já que o problema não é a “tomada do poder”, mas a sua dissolução.

**IHU On-Line - Como imagina os próximos anos de nossas sociedades em relação com a sua organização política, a conquista da paz, o papel e o lugar que ocupará o trabalho?**

**Paolo Virno:** Espera-nos um terrível período de transição, semelhante, em muitos sentidos, ao do século XVII. Uma transição na qual serão construídas novas instituições internacionais e será refundada, por inteiro, a teoria política. O movimento global, a partir de Seattle, exprime muitas características do trabalho pós-fordista, porém, sem conseguir, no momento, incidir sobre as relações de força. É este o ponto crucial: que formas de luta e que modelos organizativos para o trabalho precário, intelectual e flexível?

**IHU On-Line - Poderia ou deveria a Universidade ser um lugar privilegiado para experimentar formas novas de organização social, para ler e entender a multidão, para apresentar novas definições do trabalho?**

**Paolo Virno:** Se é verdade que a ciência, a informação, o saber se tornaram a principal força produtiva é claro que as universidades são um centro nevrálgico de luta política. Elas constituem aquilo que Marx chamava o *general intellect*, o “intelecto geral” da sociedade. Mais que lugar privilegiado do pensamento crítico, as universidades representam um componente decisivo da moderna cooperação produtiva. Não se trata tanto de elaborar novas definições de trabalho, mas de se organizarem como o setor estratégico da “fábrica social”, como intelectualidade de massa diretamente produtiva.

## A REDUÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO E A CULTURA DO TEMPO LIVRE

### Entrevista com André Langer

*André Langer é membro do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores, CEPAT, mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Unisinos, com dissertação intitulada **Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz**<sup>7</sup>. IHU On-Line entrevistou André Langer por e-mail sobre a reivindicação da diminuição do tempo de trabalho. Sobre esse tema, Langer publicou um artigo no **Cepat***

<sup>7</sup> André Gorz é autor de muitos livros sobre o mundo do trabalho. Os dois últimos são: **Misères du présent. Richesse du possible**. Paris:Galilée, 1997 e **L’immatériel. Connaissance, valeur et capital**. Paris:Galilée, 2003. (Nota do IHU)

*Informa* n.º 108, de abril de 2004. Os **Cadernos do IHU** n.º 5 publicará uma síntese da tese de mestrado. Os **Cadernos do IHU** serão lançados por ocasião da celebração do n.º 100 do boletim **IHU On-Line**, no dia 12 de maio de 2004.

**IHU On-Line-** Por que a proposta da redução do tempo de trabalho é reintroduzida na sociedade brasileira especialmente pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), num período de grave desemprego, e ao mesmo tempo recordes de horas extras. Não parece uma idéia irrealizável nesse contexto?

**André Langer-** É uma proposta que responde, por um lado, aos anseios históricos dos trabalhadores de todos os tempos. Nesse sentido, ela retoma esta grande luta por trabalhar menos tempo. Por outro lado, responde à grande questão do momento: a distribuição da produtividade. Hoje o sistema produtivo é capaz, por conta das inovações tecnológicas, de produzir mais, com menos trabalhadores e em menos tempo. Ou seja, o grande desafio que se coloca não é mais prioritariamente o da produção, mas o da distribuição das riquezas socialmente produzidas. Portanto, distribuindo-se entre todos o trabalho socialmente necessário, é possível que todos trabalhem menos. O que ocorre no Brasil é, na verdade, uma concentração não só da renda, mas também do trabalho, fenômeno que aparece no grande número de trabalhadores que faz hora extra, cujo efeito mais perverso é o exponencial desemprego que vemos. Aqui há trabalho que pode ser distribuído de maneira mais equitativa entre todos. O sentido da redução do tempo de trabalho consiste numa dupla ação: 1) é a única alternativa capaz de evitar uma crescente dualização da sociedade entre os trabalhadores do núcleo central, de tempo integral, os trabalhadores dos círculos periféricos, precários, de baixa remuneração, de tempo parcial, e os desempregados. 2) liberar tempo para as atividades autônomas sem fins lucrativos. A proposta da redução do tempo de trabalho não pode ser uma finalidade em si mesma. O horizonte dentro do qual ela deve ser pensada é a extensão máxima da esfera da autonomia. Assim, a idéia da redução do tempo de trabalho é perfeitamente possível.

**IHU On-Line-** Quais são essas aspirações que estão por trás da proposta de redução do tempo de trabalho?

**André Langer-** A redução do tempo de trabalho não visa unicamente à criação de novos empregos, por mais importante que isso seja para a sociedade brasileira a fim de distribuir as riquezas socialmente produzidas, mas visa também à abertura de novos horizontes de realização pessoal, interpessoal e comunitária para além do trabalho-emprego. Convém reconhecer que para boa parte dos trabalhadores o tempo fora do trabalho acaba sendo investido de crescente importância na sua vida. Trabalhadores há que não admitem mais viver exclusivamente para o trabalho. Por todos os lados salta o desejo de trabalhar menos e viver melhor. A qualidade de vida aparece como um valor cada vez mais importante a ser cultivado. O lazer, o tempo com a família e a diversão fazem toda a diferença entre uma vida pautada e invadida pelo trabalho e uma boa vida. É preciso também relacionar a política de redução do tempo de trabalho a um projeto político de transformação da sociedade: as medidas que compõem uma política de redistribuição do trabalho e do tempo liberado deverão se inscrever na perspectiva de uma superação da sociedade do trabalho assalariado. Uma política de redução do tempo de trabalho não pode perder de vista o horizonte mais amplo de construção de uma nova sociedade. Caso contrário, será apenas uma medida pontual ou isolada, um remendo no sistema, com grandes chances de fracassar.

**IHU On-Line-** Como efetuar uma mudança para uma nova cultura do tempo livre?

**André Langer-** A redução do tempo de trabalho não aumenta automaticamente o tempo livre das pessoas. Trata-se de ir criando uma nova cultura do tempo livre para que a redução da jornada de trabalho não redunde num segundo ou mesmo terceiro empregos. No fundo, trata-se de dar uma nova importância aos outros tempos da vida e construí-los fora da lógica produtivista. A sociedade brasileira está convidada a olhar mais para o seu interior, suas necessidades, suas carências, seus desejos, e menos para o interior da fábrica, do escritório e suas necessidades. Na realidade, a redução do tempo de trabalho objetiva enfrentar dois grandes desafios: primeiro, redistribuir entre todos o trabalho socialmente necessário, de modo que todos possam trabalhar menos, melhor e de outra maneira. Trata-se de proceder a uma outra repartição do trabalho que não a imposta hoje pelo capital. Em segundo lugar, começar a visualizar o tempo liberado ou o tempo livre, não mais como um tempo vazio, sem sentido, ou simplesmente na perspectiva de recuperar as forças e as energias para o trabalho assalariado, mas como um tempo rico em novas possibilidades desvinculadas da lógica da racionalidade econômica e da mercantilização. O tempo livre não deve ser visto como um tempo vazio, um tempo de pura passividade. É o tempo de produção de novas sociabilidades, de relações sociais e tempo para o livre desenvolvimento pessoal. O tempo é considerado como a fonte mais preciosa, e a economia da esfera da necessidade terá por princípio economizar ao máximo o tempo de trabalho a fim de maximizar o tempo disponível. Para Marx, a verdadeira economia – aquela que economiza – é a de tempo de trabalho. A verdadeira economia leva à eliminação do trabalho como forma dominante de atividade. É por esta razão que a redução do tempo de trabalho pode abrir um espaço sempre maior para a realização de atividades que não estejam mais ligadas à lógica da racionalidade econômica. O tempo livre, insiste Gorz, “permite aos indivíduos desenvolver capacidades (de invenção, de criação, de concepção, de inteligência) que lhe conferem uma produtividade quase ilimitada.”

**IHU On-Line- Como fazer com que o tempo livre não se submeta à lógica do consumo?**

**André Langer-** Essa é uma questão difícil de ser resolvida. Evidentemente não se pode desdenhar do poder que o consumo passou a ter em nossas sociedades. É preciso dar-se conta de que o exacerbamento do consumo está estreitamente ligado à produção capitalista que separa o produtor do consumidor. Não há produtor sem consumidor, assim como não há produção sem consumo. Portanto, em nossa sociedade o consumismo está ligado à própria idéia de desenvolvimento, de crescimento. Por esse motivo, para que a produção possa crescer sempre, é preciso instigar e dinamizar o crescimento do consumo, sem que se leve em conta os efeitos macrossociais e ambientais de tal lógica. Como recorda Gorz, o antigo “isso me basta” cede hoje lugar ao “mais vale mais” ou ao “nunca é suficiente”. Uma revolução ao nível das necessidades entranha uma nova concepção na qual “a eficácia máxima *ilimitada* na exploração do capital exigirá assim o máximo *ilimitado* de ineficiência na cobertura das necessidades, e do esbanjamento no consumo”. Trata-se de ir criando a consciência de que o consumo – e a economia como um tudo – terá que ter cada vez mais em conta não tanto a quantidade do crescimento, mas a qualidade de vida, o que nos faz transcender o mero economicismo e incluir, inclusive, questões relativas ao meio ambiente. Nesta perspectiva se pode introduzir todo o debate sobre crescimento sustentável ou decrescimento, que vem ganhando força sobretudo na Europa. Ao mesmo tempo, trata-se de ir aumentando domínios, pessoais e coletivos, livres da lógica do consumo. Nada justifica a onipresença dessa lógica na vida das pessoas e da sociedade.

## DO ÓCIO DOS ANTIGOS AO GOZO DOS MODERNOS

*Fabio Gambaro entrevistou o historiador francês Alain Corbin, professor na Université Paris I, e elaborou o texto que reproduzimos a seguir. A tradução foi feita por nossos colegas do Cepat, de Curitiba, aos quais agradecemos. A idéia central do texto é de que a noção de tempo livre foi imposta na época moderna de maneira quase natural. Entre o fim do século XIX e a metade do século XX, a idéia de se ter tempo à disposição para repousar da fadiga do trabalho tornou-se um direito irrenunciável. O historiador francês Alain Corbin fala do “tempo de repouso”, conceito que tem raízes antigas, mas que corre o risco de ser cruel. A entrevista foi originalmente publicada no jornal **La Repubblica**, em 31 de março de 2004.*

*Alain Corbin é autor do comentado **Le Miasme et la Jonquille. L'Odorat et l'imaginaire social, XVIIIe-XIXe siècles**, de 1982 e, mais recentemente, em 1994, publicou o livro **Les cloches de la terre. Paysage sonore et culture sensible dans les campagnes au XIXe siècle**.*

Alain Corbin, que, no passado, dedicou diversos estudos à história do tempo livre e das férias, organizando entre outros **A invenção do tempo livre**, chama a atenção para o modo como este processo caminhou lado a lado com a redefinição da estruturação temporal da nossa sociedade: “No passado, a distinção entre tempo de trabalho e tempo de repouso era menos clara. Um trabalhador podia tranquilamente parar de trabalhar e ir beber um copo de vinho sem que isso incomodasse ninguém. Pouco a pouco, o tempo foi ficando cada vez mais cronometrado, os homens aprenderam a contar os minutos e tiveram que se adaptar aos ritmos marcantes da industrialização e do taylorismo. Quanto mais o tempo de trabalho ficava cheio e intenso, mais se difundia a exigência de um tempo de repouso igualmente cheio e intenso”.

Segundo o historiador francês, a idéia de um tempo especial dedicado ao lazer e ao repouso remete até a antigüidade: “A nossa idéia de tempo livre nasce da convergência de dois modelos complementares e, em parte, antagonistas. O primeiro é ligado a uma idéia do *otium* latino, que indica um período mais ou menos longo onde nos retiramos da vida coletiva para dedicarmos a nós mesmos. É um tempo feito de meditação, diálogo e hospitalidade. Na Itália, este modelo conheceu momentos de glória na época do Renascimento. Na França, nos séculos XVIII e XIX, os burgueses que dispunham de tempo livre freqüentavam as academias e os círculos científicos. Não por acaso, a definição da burguesia do século XIX está freqüentemente ligada à disponibilidade de tempo, mais ainda do que à riqueza. Era burguês quem dispunha de tempo livre”.

Juntamente ao modelo laico, explica Corbin, age também um outro modelo de derivação bíblica: “O da recriação da força de trabalho. É o repouso dominical anunciado na Bíblia, quando, no sétimo dia, Deus repousou após as fadigas da criação. A igreja sempre procurou manter o monopólio do domingo, organizando atividades rituais e festivas de modo coletivo. A missa pela manhã, as distrações à tarde. Em seguida, o repouso dominical tornou-se laico, graças às leis que o codificaram”.

Esses dois modelos coexistem até hoje e freqüentemente se confundem, mesmo que, acrescenta o historiador, “a idéia de meditação hoje está em declínio, porque os homens têm, cada vez mais, medo da solidão. Em uma sociedade dominada pela produção, até mesmo o tempo livre deve tornar-se uma oficina de atividades socialmente reconhecidas. Nasceu, então, uma indústria que leva a práticas bem precisas, da viagem ao esporte, propondo estruturas e adereços pagos. O tempo livre tornou-se, assim, uma fonte de aproveitamento (coisa vantajosa, lucrativa). Isso implica também uma organização e uma programação cada vez mais marcadas, o que acaba por limitar a liberdade do tempo livre”.

---

## RETORNO DE UM QUEBRA-CABEÇAS

### Uma contradição no coração da economia de mercado

Jeremy Rifkin é o autor do artigo a seguir, publicado pelo jornal **The Guardian**, em 2 de março de 2004. Ele fala que, como a tecnologia devora empregos numa escala crescente, o conflito no coração da economia de mercado está se tornando irreconciliável. Jeremy Rifkin é o autor de **The End of Work: The Decline of the Global Labor Force and the Dawn of the Post-Market Era**, traduzido para o português: **O fim dos empregos - o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. (São Paulo: Makron Books, 1995) e de **A economia do hidrogênio. A criação de uma nova fonte de energia e a redistribuição do poder na terra**. (São Paulo: Makron Books, 2003).

Rifkin é presidente da *Foundation on Economic Trends* [Fundação de Tendências Econômicas] em Washington. Dele, **IHU On-Line** publicou duas entrevistas, uma na 51.<sup>a</sup> edição, de 17 de março de 2003, e outra na 67.<sup>a</sup> edição, de 7 de julho de 2003, uma resenha do seu livro **A Economia do Hidrogênio** e um artigo na 82.<sup>a</sup> edição, de 3 de novembro de 2003. A tradução do artigo em inglês foi feita pelo professor Benno Dischinger.

Estamos perdendo empregos em todas as partes do mundo. O fato alcançou proporções de crise. Em 1995, 800 milhões de pessoas estavam desempregadas ou subempregadas. Atualmente, mais de um bilhão cai numa dessas categorias.

Mesmo na América e na Europa, milhões de trabalhadores encontram-se subempregados ou sem trabalho e com pouca esperança de obter pleno emprego. Os Estados Unidos perderam 12% de seus empregos fabris até 1998, enquanto o Reino Unido perdeu 14% de seus empregos em manufatura no mesmo período. Empregos industriais continuam a desaparecer no Reino Unido, apesar de o setor estar crescendo em ritmo mais rápido em quatro anos.

Para onde foram todos os empregos industriais? Tornou-se moda, ultimamente, culpar do alto desemprego companhias que relocam suas facilidades de produção à China. É verdade que a China está produzindo e exportando uma percentagem bem maior de bens manufaturados, mas um novo estudo feito pelo Alliance Capital Management constatou que empregos de manufatura também estão sendo eliminados até mais rapidamente na China do que em qualquer outro país. Entre 1995 e 2002, a China perdeu mais de 15 milhões de empregos fabris, 15% de sua força de trabalho fabril total.

Há mais notícias más. De acordo com Alliance Capital, 31 milhões de empregos fabris foram eliminados entre 1995 e 2002 nas maiores economias do mundo. Empregos de manufatura declinaram a cada ano, nos últimos sete anos, e isso em todas as regiões do mundo. O declínio de empregos ocorreu durante um período no qual a produção industrial global cresceu mais de 30%.

Se a taxa corrente de desemprego continuar – e é mais do que provável sua aceleração – o emprego fabril minguará dos atuais 164 milhões a precisamente alguns milhões em 2040, encerrando virtualmente a era do trabalho fabril de massa.

Agora as indústrias de colarinho branco e de serviços estão experimentando semelhantes perdas de empregos, enquanto tecnologias inteligentes substituem, mais e mais, trabalhadores. Bancos, seguradoras e setores de atacado e varejo estão introduzindo tecnologias de ponta em cada aspecto de suas operações em negócios, quase eliminando o pessoal de suporte no processo. A companhia bancária da internet dos Estados Unidos, Netbank, tem \$ 2,4 bilhões em depósitos. Um banco típico dessa espécie emprega 2.000 pessoas. Netbank desenvolve sua inteira atividade com apenas 180 trabalhadores.

O fato de os empregos do Reino Unido e dos EUA serem perdidos para centros atrativos na Índia, embora seja um dado importante, empalidece comparado com empregos perdidos, a

cada dia, para a tecnologia de identificação vocal. Considere-se a companhia telefônica dos EUA Sprint, que substitui, constantemente, operadores humanos com sua tecnologia. No ano de 2002, a produtividade da Sprint deu um salto de 15%, e a renda cresceu em 4,3%, enquanto a companhia reduziu sua folha de pagamento em U\$11.500.

Tão longe como nos anos 1980, os analistas industriais já estavam alertando que a automação eliminaria muitos empregos. Mas, porque suas previsões provaram ser um tanto prematuras, o público foi acalmado pela crença de que a automação não era problema. Agora, no entanto, as revoluções em software, computação e telecomunicações, e a proliferação de tecnologias de ponta, estão finalmente causando devastação nos empregos em qualquer país.

Observadores industriais esperam o declínio em empregos de colarinho branco para reduzir o declínio em empregos de manufatura nos próximas quatro décadas, enquanto companhias indústrias inteiras e a economia mundial vão sendo conectadas numa rede neural global.

A velha lógica de que os ganhos em tecnologia e os avanços em produtividade destroem velhos empregos, mas cria tantos outros novos, não é mais verdadeira. Os EUA estão desfrutando do mais alto crescimento em produtividade desde 1950. No terceiro quadrimestre de 2003, a produtividade elevou-se a uma oscilação de 9,5%, mas as taxas de desemprego permanecem altas.

Os economistas argumentaram durante muito tempo que a produtividade permite às empresas produzir mais bens e serviços com custos reduzidos. Bens e serviços mais baratos estimulam a demanda. O crescimento na demanda conduz a mais produção e serviços e maior produtividade, o que, por sua vez, aumenta, cada vez mais, a demanda, num ciclo infundável. Assim, mesmo se as inovações tecnológicas lançam algumas pessoas para fora do trabalho, em tempo reduzido, o bloqueio na demanda pelos produtos e serviços mais baratos vai assegurar uma adicional redução de empregos, para obter expansão na corrida de produção.

O problema é que esta teoria parece não ser mais aplicável. A indústria do aço dos EUA é um caso típico da transição que está tendo lugar. Nos últimos 20 anos, a produção de aço cresceu de 75 milhões de toneladas para 102 milhões. No mesmo período, de 1982 a 2002, o número de trabalhadores metalúrgicos nos EUA declinou de 289.000 para 74.000. "Mesmo se a manufatura se mantém em sua quota de GDP," diz o economista Donald Grimes da Universidade de Michigan, "nós estamos na situação de continuar perdendo empregos por causa do crescimento da produtividade".

Aqui se situa o quebra-cabeças. Se o avanço dramático na produtividade pode substituir, trabalho humano, resultando em mais trabalhadores sendo afastados da força de trabalho, aonde a demanda dos consumidores vai poder chegar para comprar todo o potencial de novos produtos e serviços? Estamos sendo forçados a enfrentar uma inerente contradição no coração de nossa economia de mercado, que já esteve presente desde o início, mas que somente agora está se tornando irreconciliável.

Uma produtividade mais elevada ocorreu às expensas de mais trabalhadores sendo marginalizados a um emprego de meio turno ou à sua perda total. Uma força de trabalho em declínio, no entanto, significa redução de renda, uma demanda de consumo reduzida, e uma economia incapaz de crescer. É esta a nova realidade estrutural que o governo e os líderes dos negócios e tantos economistas estão relutando em reconhecer.

---

## TRABALHO E DIREITO À PREGUIÇA

### Entrevista com Cláudio Gutiérrez

O professor das Ciências da Saúde da Unisinos, Cláudio Gutiérrez, concedeu a entrevista a seguir por e-mail ao **IHU On-Line**. Gutiérrez é graduado em Educação Física pelo Instituto de Porto Alegre (IPA), mestre em Educação pela Unisinos, doutorando em Educação do Ócio no Instituto de Estudos do Ócio na Universidade de Deusto, em Bilbao, Espanha, e autor de **Formação de professores na escola cidadã**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

**IHU On-Line- De que forma o ócio pode se constituir em espaço de formação cidadã e o que isso significa?**

**Cláudio Gutiérrez-** Acostumamo-nos a falar de cidadania da lógica liberal, de um status individual que implica direitos e deveres aos indivíduos reconhecidos como membros de uma comunidade. Esta cidadania formal se garante através de todo um aparato legal. A lei obriga o cidadão a comportar-se bem e ser responsável, caso contrário paga multas e sofre penas. Por outro lado, comporta-se bem tem garantidos uma série de direitos. O que temos observado hoje é que, de um lado, as pessoas não estão mais dispostas a cumprir uma lei que lhes parece alheia e que oprime; e de outro lado, em nossa sociedade de consumo os direitos da cidadania quase que se transformaram em objetos de consumo, consumimos os direitos da cidadania como se fosse um produto qualquer, reclamamos os direitos de cidadania como quem reclama direitos do consumidor. Transformamo-nos de cidadãos em consumidores de cidadania. Entre o medo "do chicote da lei" e o consumo de direitos perdeu-se a noção de virtude cívica. A proposição do ócio humanista para esta questão é que nos apropriemos dos espaços coletivos por onde nos leva nosso desejo, transformando-os em espaços de produção de cidadania pelo exercício da capacidade de atuar coletivamente na esfera pública, não pelo temor à lei ou pelo interesse na garantia de benefícios pessoais, mas pela satisfação que há em nos tornarmos humanamente membros de uma comunidade virtuosa que busca levar adiante um projeto de felicidade. Nessa perspectiva, os espaços e relacionamentos animados pelo conceito de ócio humanista tornam-se dispositivos de exercício e produção de cidadania. Existe uma série de coletivos, como grupos de esporte, de lazer, de dança de rua, confrarias gastronômicas, grupos literários, grupos de serviços, associações de bairro, grupos de defesa da natureza ... que potencialmente podem ser orientados ao exercício democrático, formação de espaço público e produção, via redes, de tecido social. Para quem acha que é pouco, nestes 40 anos do golpe militar no Brasil, observe que os movimentos de contracultura abalaram mais a moral conservadora do que toda a guerrilha à ditadura.

**IHU On-Line- Como fazer para desvincular cada vez mais o tempo livre da lógica da racionalidade econômica e da mercantilização?**

**Cláudio Gutiérrez-** Tempo livre é livre de quê? Do trabalho. Tempo livre é uma conquista da classe trabalhadora através das históricas lutas pela redução da jornada de trabalho, uma conquista muito importante que estamos correndo o risco de perder pelas atuais transformações do mundo do trabalho. O tempo livre conquistado oportunizou o desenvolvimento do lazer e de uma série de relações e experiências nos espaços de lazer que marcaram a conduta e os valores das pessoas. Mas a crítica ao conceito de tempo livre apareceu ainda na década de 1960, quando Adorno lançou a questão: o tempo livre de um indivíduo submetido à sociedade industrial pode ser livre? Ele observava que o consumismo e os *hobbies* da sociedade americana não tinham nada a ver com liberdade, eram apenas o outro

lado de uma relação mecânica com a sociedade industrial. Acho que o problema já começa se entendemos nossa capacidade criativa, nosso *élan* vital, nossa vontade de potência, reduzida ao conceito de força de trabalho: o ser humano reduzido a um animal que labora não deixa espaço para outra coisa que não produção e consumo, as duas faces desse processo metabólico com a natureza que é o labor. Para o tempo de trabalho, orientado a produção de objetos de consumo, o tempo livre oferece a possibilidade de consumo. É sintomático que medimos o quanto uma pessoa se deu bem na vida pela sua capacidade de consumo. O país mais poderoso do planeta tem uma população de obesos... não é por acaso. O consumo do ser humano reduzido ao animal *laborans* é um consumo de hambúrguer, batata frita, carro e bugigangas. Quanto melhor uma pessoa se dá na vida, em qualquer país, melhores as comidas, carros e bugigangas. Agora imagine que a estes consumistas escravos de si mesmos, obesos e sedentários, o capitalismo chama de elite! Retomando a questão, o conceito de tempo livre, importante para recuperação da força de trabalho, para o lazer e o consumo, não se desvincula da racionalidade econômica.

**IHU On-Line- Numa sociedade que expulsa, cada vez mais, as pessoas do mercado de trabalho e sobrecarrega as que ainda permanecem nele, falar de ócio não pode resultar algo alienante? Em que casos o discurso sobre o ócio poderia realmente ser alienante?**

**Cláudio Gutiérrez-** Falar em ócio significa voltar a afirmar o valor da vida contemplativa, dar um basta ao ativismo estéril que nos sobrecarrega de vazio (e também acho que a indústria do entretenimento que consagrou o domingo ao futebol faz parte desse monte de nada que nos empobrece). Também significa valorizar atividades não utilitárias que encontram um fim em si mesmas. Mas não gosto de empregar o termo ócio sozinho, porque os sujeitos que colocaram fogo em um índio que dormia o fizeram por puro deleite e prazer, sem outro interesse que não o de se divertir com isso. Para dar a direcionalidade positiva ao conceito é que o grupo no qual me insiro fala em ócio humanista (pelos mesmos motivos, mas reivindicando outra origem e finalidade, o De Masi fala em ócio criativo ). A resistência ao ativismo estéril encontra sentido se aliada a um projeto de desenvolvimento humano. Dessa perspectiva, a alienação se realiza quando a pessoa esquece sua humanidade e se reduz a uma utilidade, quando o corpo não sonha mais e o sujeito se torna objeto. Objeto de produção e consumo.

**IHU On-Line- O discurso sobre o ócio tem implícito alguma forma de questionamento da sociedade salarial ou alguma proposta alternativa?**

**Cláudio Gutiérrez** - Paul Lafargue<sup>8</sup> foi o mais tenaz crítico da sociedade salarial. Revolucionário de esquerda da época de Marx (era genro deste) reivindicava, frente à capacidade produtiva da indústria, uma drástica redução na jornada de trabalho. Percebendo que a sociedade capitalista, ao invés de oferecer tempo livre remunerado, iria fomentar uma torturante concorrência de uns poucos empregados com as máquinas (ao mesmo tempo em que cresceria uma massa desempregada e sem renda) conflagrava as classes trabalhadoras a lutarem por uma legislação que garantisse redução da jornada de trabalho. No manifesto **Direito à preguiça** (1880), escrito na prisão, previa sua derrota: "como exigir de um proletário

<sup>8</sup> O famoso livro de Paul Lafargue, **O Direito à preguiça** pode ser encontrado juntamente com o pequeno, mas instigante livro de Thierry Pacquot, em Paul Lafargue-Thierry Pacquot, **O Direito à preguiça/ A arte da sesta**, publicados pela editora portuguesa Campo das Letras, em 2002. No ano 2000 foi publicado uma versão brasileira do livro de P. Lafargue, com uma introdução da profa. Marilena Chauí, que está esgotada. Sobre a arte da sesta cf. **IHU On-Line** n.º 61, de 26 de maio de 2003. (Nota do IHU).



corrompido pela moral capitalista uma decisão viril?" Da mesma forma Bertrand Russell<sup>9</sup>, em seu elogio ao ócio (1935), propunha um ordenamento econômico da sociedade que possibilitasse a promoção do lazer e do ócio e a redução do trabalho. Via as possibilidades cada vez mais limitadas do trabalho assalariado como mecanismo de distribuição de renda. Fustigava: "a moral do trabalho é uma moral de escravos e o mundo moderno não precisa de escravidão". E antes de todos esses Aristóteles, que emanciparam seus escravos, quando no leito de morte, apontava, dentro da escravista sociedade clássica, que se as rocas das fiandeiras fiassem por si sós, o dono da oficina não precisaria mais de auxiliares, nem o senhor de escravos. Na atualidade, as proposições de alternativa passam pela garantia de direitos sociais e o debate e proposições sobre os direitos econômicos, como os programas de renda mínima (cada pessoa tem direito a uma parte da riqueza que a sociedade, como um todo, produz). De minha parte, acredito que há uma revolução íntima a ser travada por cada pessoa e comunidade que tenha a coragem de sonhar projetos de felicidade onde os seres humanos não se reduzem a produtores e consumidores de coisas.

## DESTAQUES DA SEMANA

### Artigo da Semana

#### COMO O BICHO PREGUIÇA VÊ O MUNDO

*Reproduzimos o artigo de Catherine Vincent, publicado no jornal **Le Monde**, em 12 de abril de 2004. Agradecemos aos colegas do Cepat, de Curitiba, pela tradução do texto.*

Todas as singularidades estão na natureza, mas algumas, certamente, são mais singulares que outras. Assim, este habitante das florestas tropicais do Novo Mundo, esse mamífero do tamanho de um pequeno cachorro e de uma insondável indolência, que passa os dias de barriga para cima, as garras firmemente agarradas aos galhos da árvore, numa posição que lhe é tão familiar que até os pêlos – sobre os quais prospera uma tal quantidade de algas que chegam a ficar esverdeados – são implantados ao contrário, da barriga para o dorso, de maneira a facilitar o escoamento da água da chuva. Assim vive o bicho preguiça, enigma da evolução. “Tanto a natureza nos parece viva, agitada, exaltada nos macacos, como ela é lenta, contida e acanhada nos bichos preguiça; e é menos preguiça que miséria, é privação, é indigência, é vício na conformação: falta de dentes incisivos e caninos, os olhos escuros e cobertos, a mandíbula tão pesada quanto grossa, o pêlo liso e parecido com a erva seca (...). Esses bichos preguiça são a última palavra sobre a existência na ordem dos animais de carne e sangue; um defeito a mais os teria impedido de viver”.

---

<sup>9</sup> O texto pode ser encontrado no livro Paul Lafargue e Bertrand Russell, **A economia do ócio**. São Paulo: Sextante, 2001. (Nota do IHU).

### A preguiça vive em câmera lenta.

Injustamente, parece. Tal era ao menos a convicção do evolucionista americano Stephen Jay Gould<sup>10</sup>, que refletiu muito sobre “a maneira como os seres humanos aprenderam a estudar e a compreender a natureza”, antes de morrer de um câncer em 2002, cujo último livro póstumo, ***Cette vision de la vie*** (Esta visão da vida) [Paris: Le Seuil]. “Os bichos preguiça se movem com uma lentidão tão grande que parecem viver num mundo intrínseca e definitivamente diferente do nosso”, escreveu em sua precedente compilação de reflexões sobre a história natural (***Les Coquillages de Léonard***. Paris: Le Seuil, 2001). De fato, se os bichos preguiça, suspensos pelos quatro membros, se deslocam pelo galho como se uma câmera filmando em câmera lenta estivesse instalada em sua caixa craniana, não é por prudência, mas porque isso corresponde à sua noção da normalidade.

### Importância para o estudo do ritmo de vida

“Para alcançarem as folhas com as quais se alimentam, eles estendem o braço com a mesma indolência. Quase diríamos que as algas, que dão uma cor verde ao seu corpo, estão instaladas em seus longos pêlos, porque esses animais não foram capazes de fugir rapidamente delas”, ironiza Gould, que confessa jamais ter sido tão “poderosamente tocado pelo sentimento de uma profunda diferença num campo tão importante como o ritmo de vida”. Uma diferença aparentemente contribuinte, uma vez que o bicho preguiça, longe de apenas merecer a vida de precisão, figura entre os mamíferos mais antigos do mundo.

### Mais antigos que os humanos!

Sua ordem? A dos desdentados, nome que não lhe faz justiça uma vez que possui 18 dentes no total (mas apenas os molares). Sua família: a dos Xenarthra, à qual pertencem também o tatu e o tamanduá. O número de espécies recenseadas até hoje não passa de meia dúzia. São classificados em dois gêneros: *Bradypus* (cujos membros têm “mãos” com 3 dedos) e *Choloepus* (dois dedos). Mas os fósseis nos revelam que eles eram dez vezes mais numerosos há 10 milhões de anos, e que, certamente, grandes como elefantes, povoavam ainda o continente americano há cerca de 15 mil anos.

### Singularidades

De todas as espécies, foi por azar se apenas sobreviveram as que eram estritamente arborícolas e filófagas? Para além de sua aparência um pouco terna, o bicho preguiça apresenta muitas características importantes. Alguns exemplos? Nas árvores, seu torpor e a sua cor verde o protegem dos olhares de seus predadores. A temperatura de seu corpo varia de 23 °C a 32 °C. Outra prova de seu metabolismo reduzido: sua respiração e seu ritmo cardíaco é duas vezes mais lento que o normal.

Mais espantoso ainda: sendo o solo, e de longe, o lugar em que mais se encontra vulnerável, o animal só desce para urinar e defecar a cada dez dias, e se liberta então de mais de um terço de seu peso! Enfim, quando a maior parte dos mamíferos, inclusive a girafa, não possuem senão sete, o bicho preguiça do gênero *Bradypus* é dotado de dez vértebras cervicais, o que lhe assegura uma rotação da cabeça em torno de 270 graus (três quartos de uma volta completa).

---

<sup>10</sup> Stephen Jay Gould, **Montanha de moluscos de Leonardo da Vinci**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 2ª edição.

### Não teríamos muito a aprender com as preguiças?

Gould, certamente, não ignorava nenhuma dessas singularidades evolutivas. Mas, ele fixou sua curiosidade num outro plano. “Quanto mais eu reflito sobre o tema, mais eu penso que nós deveríamos simplesmente procurar compreender como os bichos preguiça percebem o mundo”, escreveu.

Suponhamos, por exemplo, que um deles visse um ser humano se aproximar para arrancar uma folha da árvore na qual ele vive. Ele, tão lento, como experimentaria este gesto, “executado com a rapidez do tai-chi-chuan”? Para sabê-lo seria necessário poder passar “60 segundos no cérebro de um Bradypus...” Talvez, então, acrescentou ele, “entenderei esta súplica: os homens não poderiam fazer uma parada, refletir e, acima de tudo, moderar seu ritmo?”

## Entrevistas da Semana

### “NOSSAS FILHAS ACHAM QUE O FEMINISMO NÃO SERVE PARA NADA. MULHERES, QUE FRACASSO!”

Entrevista com Elisabeth Badinter

*Giampiero Martinotti, jornalista italiano, entrevistou Elisabeth Badinter, autora do livro **Fausse Route. Réflexion sur 30 années de féminisme** (Caminho errado. Reflexão sobre 30 anos de feminismo). Paris: Odile Jacob, 2003. O livro suscitou uma veemente polêmica na Europa e acaba de ser traduzido para o italiano. A entrevista foi publicada no jornal **La Repubblica**, 5-4-04. O livro é um verdadeiro libelo contra as idéias dominantes sobre violência, sexualidade, maternidade e poder. E a constatação final não tem recurso: “estamos em pleno retrocesso”. Agradecemos aos colegas do Cepat, de Curitiba, pela tradução da entrevista.*

#### O feminismo fracassou

**La Repubblica - Quando li o seu livro, senhora Badinter, tive a vontade de dizer que hoje o feminismo não existe mais. Ou estou enganado?**

**Elisabeth Badinter** - Não se pode dizer isso, pois existem muitas associações que dizem estar militando pela igualdade dos sexos. Porém, o caminho escolhido me parece prejudicial. Sou muito dura, mas é preciso ser lúcido. O fracasso é evidente, bastam três dados para perceber isso: a diferença salarial entre homens e mulheres não se modifica há dez anos, e voltou a piorar nos últimos dois anos; não se fala mais em divisão das tarefas domésticas, pelo menos na França; a caminhada para a igualdade dos sexos se interrompeu, e os critérios objetivos para avaliá-la estão paralisados.

#### Que fracasso!

**La Repubblica - A senhora não é muito severa?**

**Elisabeth Badinter** - Ainda não disse o pior: a geração de nossas filhas acha que o feminismo não serve para nada. Que fracasso! Mulheres de trinta anos nos agradecem por termos obtido o anticoncepcional e o aborto, e depois nos acusam de termos ficado muito fora de casa, de não termos cuidado dos filhos. O resultado é que as mulheres de 30-35 anos, embora tenham feito cursos universitários de alto nível, querem deixar de trabalhar um, dois ou três anos para cuidar dos filhos. Não veremos resultados na faixa de 10 a 15 anos.

### Vitimismo feminista – “sou contra”

**La Repubblica** - Um de seus alvos preferidos é o vitimismo feminista. Uma das coisas que a senhora mais contesta é o discurso sobre os constrangimentos sexuais e os excessos das diretrizes europeias sobre esse tema. Por quê?

**Elisabeth Badinter** - Contesto a confusão entre a violência física e psicológica, com a qual se pretende mostrar que as mulheres são vítimas dos homens. Reprovo as diretrizes europeias por terem ampliado o conceito de constrangimentos sexuais: um gesto, um olhar incômodo torna-se constrangimento e, portanto violência, contabilizada como tal. A confusão nunca é inocente. Não é verdade que existem mais mulheres que morreram por causa das violências do que devido ao câncer. Isso subentende a vontade política de mostrar que os homens são algozes, e as mulheres, vítimas infelizes que não podem defender-se. Dentro desta ótica, não são mais alguns homens ou algumas mulheres que são violentos, todo o gênero masculino é posto sob acusação. Fico indignada quando ouço que 10 por cento das mulheres francesas são vítimas de violências conjugais: ouvir dizer do marido ou do companheiro coisas desagradáveis é uma coisa, receber um soco no rosto é outra bem diferente. Desenvolver o tema da mulher vítima foi um erro enorme, pois associa a imagem da mulher à da criança, que precisa de proteção. E assim torna-se inútil dizer às jovens que se defendam: vão ao juiz, como iam ao pai ou à mãe.

### O conceito de instinto materno

**La Repubblica** - Outra coisa que não lhe agrada é a volta insistente de um discurso que leva as mulheres a amamentarem em nome da natureza.

**Elisabeth Badinter** - Há vinte anos escrevi um livro, *L'amour en plus*, uma história do amor materno com o qual quis colocar em discussão o conceito de instinto materno, que para mim não existe. Achava que havia desmistificado esse conceito, que esteve em voga no século XVIII. Depois vi renascer sub-repticiamente, sem que tenha havido um debate teórico, a idéia do instinto materno, uma volta da definição biológica da mulher. E, se existe um instinto materno, as mulheres devem cuidar dos filhos; se o leite é a melhor coisa para o recém-nascido, é preciso amamentar seis meses, um ano, um ano e meio. Assim, as mulheres são induzidas a deixarem de trabalhar durante três anos para cuidar dos filhos. Ao mesmo tempo, os homens são liberados de qualquer dever, pois a mãe é o que há de melhor para os filhos. Mas então não vale a pena lutar para dividir as tarefas entre os pais. É um retrocesso, uma visão da mulher baseada na dimensão biológica.

### Cotas para mulheres

**La Repubblica** - Como ela pôde desenvolver-se?

**Elisabeth Badinter** - É uma ideologia que também vimos aparecer no debate sobre a paridade na política, com a busca de uma identidade feminina específica, diferente da dos homens. Permitiu-se que o universalismo fosse perdido e não me admira que volte o conceito de mulher-mãe.

**La Repubblica** - A senhora se refere ao debate sobre as cotas de mulheres na política, um princípio que o parlamento francês incluiu na Constituição. Em seu ponto de vista, esta opção, a que a senhora se opõe, pertence à mesma visão da mulher?

**Elisabeth Badinter** - Parecia-me necessário adotar uma medida pragmática, mas quiseram transformá-la num fundamento filosófico. Para justificar as cotas esqueceram a noção de cidadão. Disseram que as mulheres são diferentes dos homens, mais próximas das pessoas, mais modestas, menos ambiciosas, mais generosas, mais pacíficas, mais pragmáticas e que,

portanto os homens tinham todos os defeitos. Pareceu-me uma condenação da noção de “cidadania”: uma mulher pode ser representada por um homem que tem as mesmas idéias. As idéias não são determinadas pelo sexo, como se procurava fazer crer, mas por uma ideologia política: tenho mais pontos em comum com um homem que tem as mesmas idéias do que com uma mulher da Frente Nacional, partido de extrema direita da França. Sou contra a discriminação positiva, contra o “diferencialismo”. Não creio que as mulheres sejam mais afáveis, mais generosas e mais pacíficas que os homens. Acho que entre homens e mulheres existem mais semelhanças do que diferenças.

**La Repubblica - As idéias que a senhora critica vêm dos Estados Unidos, são o modelo dominante em todas as áreas. Por que se escandalizar com isso?**

**Elisabeth Badinter** - Não somos obrigados a ser passivos. Se a diferença sexual está na Constituição, não vejo como poderão ser rejeitadas as cotas segundo a origem religiosa, a etnia e assim por diante. Mas então há o abandono da República e a entrada numa sociedade baseada no princípio comunitário. Não tenho nenhuma vontade de que isso aconteça.

**La Repubblica - Hoje predomina o politicamente correto, todos têm direito ao seu particularismo, o indivíduo tem a precedência sobre tudo, seja homem ou mulher.**

**Elisabeth Badinter** - É um princípio que leva à catástrofe. É preciso ir o mais longe possível nos direitos individuais e nas liberdades individuais, mas existe um momento em que o político e o coletivo recuperam os seus direitos. Quando se pensa que o indivíduo deve prevalecer sobre tudo, há a anarquia ou o comunitarismo, que é levado ao extremo, é uma prisão para o indivíduo. Sei que a França é um caso especial, como demonstrou o caso do véu, mas ainda não vimos todos os efeitos do excesso de individualismo.

### **A polêmica do véu**

**La Repubblica - A senhora menciona o véu, um tema sobre o qual as feministas não se manifestaram muito. Era favorável a ele?**

**Elisabeth Badinter** - Sim, embora saiba que se trata de um simples apelo. Mas era preciso dar um sinal forte às minorias integralistas. No início, não era favorável, fui convencida pelas militantes de uma associação de moças das periferias, que nos pediram para não colocá-lo quando estavam sozinhas. A posição francesa é considerada incompreensível, intolerante, mas uma sociedade democrática não pode aceitar que as mulheres sejam forçadas a usar um sinal de submissão. As feministas dos outros países despertarão um dia ou outro: podemos não nos importar com as mulheres que usam véu? Certamente, algumas o usam por provocação, como fazem as adolescentes, mas o problema são todas aquelas a quem não se pede, inclusive as meninas que vão ao ensino fundamental. São vestidas de preto, com o véu, e não têm nenhum instrumento de defesa.

**La Repubblica - Para a senhora é, portanto, uma arma feminista?**

**Elisabeth Badinter** - Todos sabem que o véu é a ponta do *iceberg*. Por trás existem os casamentos combinados e a submissão ao futuro marido. Podemos ficar indiferentes às mulheres vestidas à iraniana na Europa? As feministas dormem, mas despertarão. Cobrir uma mulher com véu, colocar alguma coisa em sua cabeça significa que é ela, com seus cabelos, que é responsável pelo desejo masculino. O homem não é responsável por seus desejos, mas a mulher. De certo modo, é uma porta aberta para a justificativa do estupro nas periferias. É preciso saber dizer não e não se esconder atrás do conceito fácil de tolerância.

## DIAMANTE PREJUDICA O ÍNDIO CINTA-LARGA A TRAGÉDIA NO GARIMPO DE RONDÔNIA

*A antropóloga Carmen Junqueira, especialista em etnologia indígena e professora titular da PUC de São Paulo, diz que os cintas-largas não deveriam receber o direito de explorar os diamantes que são abundantes em suas terras. As pedras foram o motivo de 29 garimpeiros terem invadido área da etnia em Rondônia e acabado sendo mortos pelos índios. "Eles se envolvem com garimpeiro, começa a entrar álcool, droga, as dissensões crescem", afirma Carmen, que trabalhou de 1978 a 1986 com os cintas-largas e tem obras no Brasil e no exterior sobre o grupo. "Se colocam a mão no diamante, caem num consumismo." Ela sugere um projeto de economia auto-sustentável para a etnia, com a exploração de outros produtos de suas terras, como a castanha, as essências e o mel. A entrevista foi publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 25-4-04.*

### **Folha - Como é o cinta-larga?**

**Carmen Junqueira** - Eles têm duas características. Eles se queixavam logo nas primeiras viagens: "Vocês já mataram muitos dos nossos". Buscavam uma forma de expressar a falta de paz, porque, ou era invadida sua área, ou eles sofriam massacre, como em 1962. A segunda característica é o refinamento estético. Eles são índios com coisas lindas, festas muito bonitas. E tinham uma vida de trabalho. Eles têm agricultura, pescam, colhem mel e castanha, mas a paixão deles é caça. Não existe de fato um índio cinta-larga. Esse nome nós é que demos, por causa dos cintos que eles usavam, mas são vários subgrupos. Os que eu trabalhava se chamam kabã. Os da terra Roosevelt chamam-se mã. E brigam entre si, porque fazem troca de mulheres.

### **Folha - Como foram as experiências da senhora com eles?**

**Carmen Junqueira** - É uma sociedade que, de início, você julga que não colabora. É assim: você escorrega, que nem uma vez, levei um escorregão. Eles riem, não ajudam. Aí, depois, eu percebi. Eles valorizam a auto-suficiência. Se você pedir ajuda, eles dão na hora, mas ninguém oferece, porque é ofensivo. Eu dormia em maloca, comia como eles, tomava banho no rio, coletava mel e ficava coberta de abelha, mas das que picam de leve.

### **Folha - Qual foi o primeiro contato deles com outras pessoas?**

**Carmen Junqueira** - Vão aparecer registros nos anos 20 de que eram acossados por castanheiros e pessoas à procura da borracha. Depois, há comentários já na década de 1960, quando começou de fato o boom de garimpagem em Rondônia. Aí, passam a aparecer os atritos.

### **Folha - Hoje, os cintas-largas são bem integrados à sociedade?**

**Carmen Junqueira** - Não, eles nunca se assalariaram, a não ser um ou outro, mas, como povo, não. Mas eles já estão falando português, vão às cidades. Já estão bem mais familiarizados com nosso estilo de vida.

### **Folha - Que problemas eles têm?**

**Carmen Junqueira** - O principal problema deles é compartilhado com todos os povos indígenas. Quando a sociedade entra em contato com eles, conseguimos desorganizar a economia deles, ou porque nós poluímos os rios, ou porque nós desmatamos. E começa a sedução da mercadoria. Nós levamos também doenças. Então, quais as necessidades? Atendimento de saúde. Escola. Eles querem falar bem português, participar. Defesa das terras. E uma forma de obter rendimento, porque não adianta viverem só de caça, pesca, coleta.

**Folha - Regularizar a exploração de diamantes é uma solução?**

**Carmen Junqueira** - Não, porque eles acabam se envolvendo com garimpeiro, começa a entrar álcool, droga, as dissensões aumentam. Porque esses índios cintas-largas são antipatizados por uma boa parte do povo de Rondônia e de Mato Grosso porque eles não têm uma atitude servil. Eles são arrebitados. Esse contato com garimpeiro daria eternamente confusão. Mesmo que fosse mineradora, daria confusão, porque eles não querem ser mandados. E exploração de diamantes, só se fosse pelo governo, mas é problemático, porque não sei se o governo conseguiria esse grau de eficiência nesta onda de Estado mínimo.

**Folha - Qual é a solução?**

**Carmen Junqueira** - Eu acho que produtos da mata. Eles têm castanha, especiarias da mata. A mata deles é cheia de remédios, drogas, essências, que, seguramente, terão utilidade aqui. Eventualmente, mel, como estão fazendo no parque do Xingu. Vão técnicos lá, montam os apiários. Os cintas-largas têm mais de 30 espécies diferentes de mel. Nós conhecemos dois ou três. Agora, isso tudo precisa ser feito não artesanalmente. São trabalhos para você exportar, obter mercados, para que possam ter a vida que querem. Se quiserem continuar com o estilo deles, continuam. A tendência é mudar, mas vamos fazer com que mudem para uma vida mais calma.

**Folha - Como é o temperamento dos cintas-largas?**

**Carmen Junqueira** - Eles reagem prontamente à invasão de terra. Temem muito a invasão, os massacres, os assassinatos dos quais foram alvo.

**Folha - Fora isso, como são?**

**Carmen Junqueira** - São muito agradáveis, alegres. Gostam de farra, teatro.

**Folha - Os cintas-largas já tiveram conflitos com que grupos?**

**Carmen Junqueira** - Castanheiros, madeireiros, invasores, caçadores, garimpeiros de ouro e de diamante.

**Folha - O que houve no último confronto com os garimpeiros?**

**Carmen Junqueira** - Não creio que os garimpeiros tenham entrado de peito aberto. Teriam medo, ou só se são de outro Estado e não conhecem a fama do cinta-larga. Imagino que algum grupo tenha feito um trato com eles e que a maioria não topou por algum motivo.

**Folha - Entre os cintas-largas, há assassinatos. Como eles vêem isso?**

**Carmen Junqueira** - É muito grave. Mesmo entre eles, não é muito comum assassinatos. Quando eles têm essas incursões, é mais para assustar. Eu acho que assassinatos com esse volume [dos 29 garimpeiros] só se equivalem aos assassinatos de cintas-largas em 1962. Nunca ouvi falar de uma coisa tão violenta. É por isso que acho que os motivos não foram só de retirada dos invasores. É por isso que eu acho, não posso afirmar, que deve ter havido coisa grave, ou com mulheres, porque onde têm garimpeiros acaba havendo envolvimento com mulher, ou desacato às chefias cintas-largas, ou humilhações, porque esses garimpeiros, como também madeireiros, não têm respeito nenhum pelos índios. Eles acham que índio e bicho é mais ou menos parecido. Então, acho que deve ter havido uma falta muito grave, porque, dá para perceber, pelo o que eu vi, que eles mataram com ódio, e isso não é do estilo dos cintas-largas fazer.

**Folha - Foi uma atitude extrema?**

**Carmen Junqueira** - Extrema, em resposta a coisas muito graves que aconteceram na área e que não sabemos.

**Folha - Para a senhora, os cintas-largas mataram porque as outras possibilidades não funcionaram?**

**Carmen Junqueira** - É. Eles devem ter esgotado todas as possibilidades.

**Folha - Há alguma solução viável para não continuarem as invasões?**

**Carmen Junqueira** - Eu acho que o Estado brasileiro tem um papel fundamental aí, de realmente impedir isso, não só para os cintas-largas.

**Folha - Para evitar isso, é necessária também a ajuda dos índios?**

**Carmen Junqueira** - Eles fazem isso, mas precisaria, realmente, de alguma coisa, porque as áreas são extensas. Então, precisaria ter vários recursos. Ao primeiro sinal de invasão, ter um governo que dê uma resposta imediata, porque não adianta mandar um ofício, esperar a resposta do ofício. Agora, isso tudo também é fruto da desigualdade social no Brasil, porque esses pobres garimpeiros, tantos os mortos quanto os vivos, não estou falando dos mandantes deles, é a "peãozada" que entra. É muito triste que eles tenham morrido. Eles também vivem numa penúria. Eles resolvem arriscar para poder também ter uma vida melhor. Não são as elites que sofrem com a possibilidade de atrito com o índio. Esses coitados dos garimpeiros são praticamente pessoas paupérrimas. O problema da terra, com a reforma agrária e assentamentos bem equipados, nós não temos nada disso. O povo vive em desespero. Então, ele tenta atacar pelo lado do mais fraco, que é o lado do índio.

## OS ARQUIVOS DA REPRESSÃO DOS REGIMES DE SEGURANÇA NACIONAL E O GOVERNO LULA

*Luís Francisco Carvalho Filho, advogado, presidente demissionário da Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos, concedeu uma entrevista publicada na coluna de Elio Gaspari, O Globo, 25-4-04. O tema "Arquivos da repressão dos regimes de Segurança Nacional" foi o tema do **IHU Idéias**, no dia 22 de abril, desenvolvido pelo prof. Enrique Padrós – UFRGS. O texto será, oportunamente, publicado nos **Cadernos IHU Idéias**.*

**O senhor vai deixar a Comissão dos Desaparecidos porque estava fazendo papel de bobó?**

Não me sinto fazendo papel de bobó. Deixo a comissão por motivos pessoais, com um sentimento de frustração. Estaria fazendo papel de bobó se tivesse acreditado na declaração do ministro José Viegas, da Defesa, quando ele disse que os papéis relacionados com a guerrilha do Araguaia, em que desapareceram cerca de 50 brasileiros, haviam sido incinerados nos anos 1980, de acordo com a lei. A administração pública não é uma loja de conveniência, onde você queima papéis velhos. A afirmação do ministro só fica de pé se vier acompanhada da exibição da lista dos documentos destruídos e dos autos de incineração, com data e nome de quem determinou a providência. O governo Lula não está sabendo lidar com a questão dos desaparecidos. Quando ele diz que os fatos ocorridos durante a ditadura estão superados, mostra como não sabe lidar com essas questões. Enquanto não houver o esclarecimento de coisas e crimes ocorridos durante o regime militar, não haverá superação. O presidente já



recebeu centenas de comissões de brasileiros. Os familiares dos desaparecidos pedem para ser recebidos há mais de um ano. Não conseguem resposta.

#### **Quem ajudou e quem atrapalhou o trabalho da comissão?**

A comissão existe desde 1995. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, nunca se praticou nenhum ato que limitasse sua independência. Estabelecemos a responsabilidade do Estado em 280 casos de desaparecimento e morte. Examinamos 366 processos. Fizemos investigações que de outra maneira não seriam feitas. As mentiras oficiais eram chocantes. Houve um caso (de Francisco José de Oliveira) em que, segundo a versão oficial, chegara ao necrotério com três tiros na cabeça 18 horas antes do tiroteio em que teria sido alvejado. No atual governo, a comissão teve dificuldade de interlocução com o secretário de Direitos Humanos, Nilmário Miranda, mais pela sua desorganização do que pelos seus propósitos. O ministro da Defesa, José Viegas, informou-nos oficialmente de que não era nosso interlocutor, passando o caso do Araguaia a uma comissão interministerial que jamais nos deu nenhum tipo de informação. A relação com os ministros Márcio Thomaz Bastos, da Justiça, e José Dirceu, da Casa Civil, foi positiva.

#### **O que o senhor sugere?**

Em primeiro lugar, espero ser substituído por uma pessoa que aumente a pertinácia da comissão e preserve a sua independência. A reação à busca da história dos desaparecidos é irracional. Essa questão já poderia ter sido resolvida. Não há sentimento de vingança na conduta de uma mãe ou de um irmão que quer saber o que aconteceu com seu parente. É a responsabilidade do Estado que se busca. Prosseguiu-se e até radicalizou-se uma política de silêncio. Com isso, Lula e o ministro da Defesa agravam o problema antigo e criam um novo. Os sucessivos governos brasileiros violaram os direitos dos familiares dos desaparecidos e dos cidadãos em geral ao se recusarem a dizer o que sucedeu a essas pessoas. O Brasil é signatário de convenções internacionais pelas quais seu governo não deveria se comportar dessa maneira.

## **Livro da Semana**

### **O HOMEM AVESSO A BANHOS DE SANGUE**

*Sob este título o jornal **O Globo**, publicou no dia 24-04-04, a resenha do livro **Jango, um perfil**, de Marco Antônio Villa. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2004. A resenha é de Carlos Haag, jornalista. O autor do livro, Marco Antônio Villa foi entrevistado pelo **IHU On-Line**, na 95ª edição, de 5 de abril de 2004. Ele participará, como conferencista, no Seminário *A Era Vargas em Questão*, a ser realizado nos dias 23 a 25 de agosto de 2004, na Unisinos, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos e do PPG em História.*

Crítico hábil dos defeitos de seus aliados, Leonel Brizola definiu João Goulart (1919-1976) como “um reformista, mas desses que têm desejos de pintar as paredes dos ranchos dos camponeses, deixando-as muito bonitas, ficando eles com a casa-grande. Ele ama o poder, mas detesta o governo”. Na intimidade, Brizola chamava o cunhado de “Belo Antônio”, referência ao filme de Mastroianni em que o protagonista é um conquistador nato, porém, impotente. Joãozinho-Boa Pinta, João Bom-Senso, agente comunista, peronista tropical: por amigos e desafetos, Jango foi retratado sob os mais diversos perfis, mas, curiosamente, foi o

Golpe de 64 que o transformou, bem ao contrário do desejado pelos militares, no idealista deposto pelos “gorilas”. Agora, nos 40 anos do movimento militar, voltou à moda chamá-lo de “poltrão”, em especial, como disse um cronista, para identificar no governo atual um “cheiro de Jango”.

Nos moldes de seu mentor (embora bem menor do que ele), Getúlio Vargas, Jango é mistério que não se desvenda se pintado em preto-e-branco, seja como “amigo dos trabalhadores”, seja como “presidente banana”. Prova desse enigma perene é “Jango, um perfil”, de Marco Antonio Villa, um retrato do ex-presidente que pretende reverter a popularidade póstuma, revelando, nas entrelinhas, a “pequenez” de Goulart: “Quando nos aproximamos historicamente de Jango, a imagem fica borrada. O destemido é substituído pelo fraco; o defensor das reformas, pelo conciliador; o presidente realizador, pelo incapaz de administrar a res publica”.

Ao fim do livro, no entanto, resta a sensação incômoda de que, ao querê-lo muito pequeno, Villa o fez grande demais: o Golpe aparece quase como fruto direto da insatisfação de setores da sociedade com a sua Presidência inepta e, pensando bem, foi bom ter se dado cabo ao mandato do governante que despachava em cozinhas de bordéis e estava sempre bêbado. Com o argumento de que o país vivia um clima de golpismo generalizado, à esquerda (com Jango, Brizola e a esquerda nacionalista) e à direita, Villa minimiza todo um processo iniciado antes de 1964 por forças conservadoras (militares e empresários, sob os auspícios da administração Lyndon Johnson) e que desembocaria no Golpe, esse, sim, vitorioso e efetivo. O golpismo de esquerda, não comprovado em seu livro por fatos relevantes, nos parece hoje mais uma fonte de bravatas do que uma ameaça real à democracia brasileira de então. Basta ver que uma ditadura militar não foi “privilégio” único do Brasil, mas se espalhou pela América Latina. Nesse contexto, Jango não pode ser tão imenso a ponto de ser o grande responsável pelo Golpe e, na contramão do pretendido, sua história política não revela um líder claudicante que nem estava aí para reformas sociais.

### **O sucessor político eleito por Getúlio**

Jovem, foi apontado por Getúlio como seu sucessor, o que não é pouco. Vargas, aliás, o admirava pelo seu entusiasmo por causas sociais e trabalhistas e, ao longo de todo o perfil, se vê um Jango tentando levantar essa bandeira. Pode-se questionar, em vários momentos, que o interesse de Goulart por essas causas pudesse ser motivado por ambições pessoais, mas não se pode negar que, efetivamente, as tinha. Igualmente, fica difícil, como na época, acusá-lo de querer instalar no país uma “república sindicalista-peronista”. O complô da suposta correspondência entre Vargas e Perón, ao ser desvendado, revela a pouca consistência disso. Tampouco Villa apresenta provas fortes de que foi um golpista desde o início, como o acusam os militares e o embaixador americano Lincoln Gordon. O que se vê, mesmo no perfil cruel de Villa, é um presidente não destituído de habilidade política, manipulando conservadores e esquerdistas — bem como os militares — que soube “tourear” as bravatas e pressões de Brizola por um socialismo moreno e que abriu mão de banhos de sangue tanto no episódio do parlamentarismo (o cunhado queria a revolução) quanto nos estertores de seu governo.

Assim, Goulart parece é não ter aprendido outro catecismo que o do então anacrônico varguismo. Situação cujo absurdo se reforçou no mundo em plena Guerra Fria, quando o peleguismo populista e sindicalista de Vargas, em boa medida a fonte de sua permanência no poder, passou a ser conhecido pela alcunha mais forte de “comunismo”, o que, convenhamos, não tem nada em comum com os estancieros gaúchos, Getúlio e Jango, de São Borja. Curiosa dupla: o presidente alijado do poder em 1945, que se recolheu às suas fazendas, e o rapaz, um afásico político, que sonhava mesmo em administrar as propriedades do pai, velho amigo do clã dos Vargas. O ditador aposentado gostou do moço por suas idéias sobre distribuição de terras

e justiça social e viu nele potencial para a volta ao poder, pois poderia se aproximar do movimento operário, o elo fraco de seu governo. Usou-o para consolidar o seu Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

O talento de Jango em agradar às massas e aos sindicalistas de esquerda foi também o responsável pela já citada desconfiança das elites, que viam nele “um sindicalista à Perón” que, em vez de ministro do Trabalho (nomeado por Vargas em 1953) era um “ministro dos trabalhadores”. Não nos iludamos: Goulart sabia que Getúlio precisava de um “amigo dos sindicalistas” que, na realidade, manipularia o movimento trabalhador, não permitindo que as reivindicações passassem dos limites desejáveis.

Outra lição importante de Vargas para Jango foi a prática da conciliação, agradando os extremos ideológicos. As guinadas políticas do governo Goulart, que desnortearam o embaixador Lincoln Gordon, revelam esse samba no fio da navalha. Ou pretendiam ser. Mas o aprendiz não teve tempo de aprender todos os truques: a morte de Getúlio colocou em seus ombros a tarefa de manter viva a chama do populismo varguista. Com o apoio (até mesmo de Prestes), Jango se candidatou como vice de Juscelino Kubitschek nas eleições de 1955. Venceu e, pela primeira vez, experimentou a sensação de ganhar e, talvez, não levar, pois a UDN tentou, sem sucesso, anular as eleições. A segunda vez foi em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros (de quem era vice). Jango estava em visita oficial à China, para horror dos conservadores, e foi informado que os militares se recusavam a empossá-lo como presidente. A solução foi o parlamentarismo, para eles uma forma de segurar o gaúcho. Na chegada de Goulart ao Brasil, com a crise da posse resolvida, o novo presidente, louco para acalmar os ânimos e negar seu pretense comunismo, desabotoou a camisa e exibiu aos jornalistas no aeroporto a sua medalhinha da Virgem Maria: “Sou um católico praticante. O trabalhismo brasileiro nada tem a ver com o materialismo histórico”. Frase melhor, só foi dita por sua mulher, Maria Theresa, anos após a sua deposição, reiterando o não-comunismo do marido: “É um absurdo. Se ele fosse comunista não teria me casado com ele. Só faz tal acusação quem não conhece de perto a família Goulart”. Melhor defesa, impossível.

Curiosamente, o “político inábil” de Villa soube, com esperteza digna de Vargas, aceitar o presente de grego parlamentarista (mesmo que chorando, de madrugada, à beira da cama de Brizola e dizendo, para se defender do cunhado que não admitia a sua “vitória de Pirro”: “Não temos outra alternativa. Temos que chegar lá”) e reverter, em pouco tempo a situação, com o plebiscito que enterrou a experiência parlamentarista. Mais uma vez, mesclando posturas antigas com os desejos do presente: seus discursos falavam em reforma agrária, abuso de poder econômico, reforma bancária, disciplinamento do capital estrangeiro, apenas para, como no passado, alegrar as massas e pressionar o Legislativo a apressar o plebiscito. Radical interno, no campo internacional era um dócil interlocutor dos americanos. Em 1962, em meio à crise cubana, recebeu Robert Kennedy no Brasil e amargou a humilhação de ter que justificar ao irmão de JFK a escolha de Celso Furtado para o ministério do Planejamento.

Nem sempre, porém, a estratégia de conciliação com tudo e todos funcionou. Em pouco tempo de governo, viu-se atacado pelos aliados de esquerda, inclusive Leonel Brizola, que se irritava com o esquecimento de Jango das “reformas de base” e não via horizontes na sua relação com o presidente e parente. O hoje emérito do PDT fustigava Goulart para que lhe desse razões para convocar o povo para fechar o Congresso, como quando Jango enviou ao Congresso um projeto de reforma agrária que todos sabiam inaceitável, pois implicava numa reestruturação constitucional. Golpe de Goulart, como diz Villa? Pode até ser, mas o então presidente, ao sentir o clima pesar, retirou o pedido do Legislativo, fato que prejudica versões futuras de que procurava motivos para consolidar uma ditadura civil. Golpismo real ocorria mesmo nos meios militares, como se percebe por iniciativas como a do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais

(IPES), fundado por empresários “visando a defender a liberdade pessoal e da empresa, ameaçada pelo plano de socialização dormente no seio do governo Goulart”. A ingenuidade do lema encontra seus motivos reais na conspiração.

Jango pode, sim, ser acusado de abusar do seu samba entre extremos políticos, a ponto de ficar isolado e partir para iniciativas duvidosas, como a tática, dos últimos meses de governo, de correr o país em comícios-monstros, a fim de obter apoio popular para suprir as carências políticas. Neles, Goulart, o esquerdista recalcitrante, assumiu, tardiamente, uma guinada para a esquerda, deixando de lado a sua habitual política de compromisso. As razões para essa atitude, infelizmente, não estão devidamente explicadas por Villa. Tampouco a sua estranha falta de bom senso para com os setores militares, ao apoiar a revolta dos sargentos e comparecer à fatídica reunião no Automóvel Club, que decretou sua derrocada. “Três anos depois (de 61), a democracia foi considerada pela maior parte dos contendores um entulho de uma velha ordem, numa curiosa metamorfose: de valor universal, passou a ser considerada obstáculo para o bom exercício do governo”, escreve Villa. Bem, até prova conclusiva em contrário, esse não era um pecado de Jango que, se não foi “santo” ou “mártir”, merece ainda um perfil mais digno de sua complexidade.

## Deu nos jornais

### Lula rejeita demarcação contínua da reserva Raposa Serra do Sol.

Depois de uma reunião tensa, que durou cerca de duas horas, na noite de 12 de abril de 2004, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva rejeitou a proposta do ministro da Reforma Agrária, Miguel Rossetto, que tinha o apoio da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, do Inca e da Fundação Nacional do Índio (Funai), para demarcação em área contínua da reserva indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima. A proposta era transferir os cerca de quatro mil moradores da cidade de Uiramutã para fora da reserva e reassentar só os fazendeiros que se enquadrassem como pequenos produtores. O governo deve anunciar sua decisão no dia 27. A notícia foi publicada pelo jornalista Ilimar Franco no jornal **O Globo**, 19-4-04. O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e o Conselho Indígena de Roraima (CIR) querem a demarcação da reserva em área contínua nos moldes propostos pela Funai. Fazendeiros e grupos indígenas não ligados à Cimi e à CIR defendem a demarcação descontinuada. A demarcação gerou um conflito entre índios e fazendeiros. Os presidente e ex-presidente da CNBB, respectivamente, cardeal-arcebispo D. Geraldo Majella e D. Luciano Mendes de Almeida, recentemente, defenderam publicamente a demarcação contínua. Sobre este tema conferir o **IHU On-Line** n.º 95, de 5 de abril de 2004. Publicamos uma nota na editoria *Deu nos Jornais* e um texto de Dom Luciano Mendes de Almeida na editoria *Artigo da Semana*.

### Raposa Serra do Sol: “Lula não tem outra possibilidade”.

O presidente da Funai, Mércio Pereira Gomes, afirmou dia 19 de abril, que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva “não tem outra possibilidade” e deve homologar de forma contínua a reserva indígena Raposa/Serra do Sol, em Roraima. O ato deverá ser assinado em, no máximo, dez dias. “A homologação deve sair no próximo dia 27 ou no dia 28. O presidente [Lula] não tem outra possibilidade, pois não homologá-la de forma contínua significaria retroceder e anular um trabalho de dez anos de demarcação das terras”, disse. “Eu recebi esse indicativo do presidente”. A Presidência da República, informada sobre as declarações, não se manifestou. A informação do Planalto é que ainda não há uma decisão sobre o tema, segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 20-4-04.

### **Raposa/Serra do Sol: ex-presidente da UNE defende área descontínua.**

“O relatório por mim apresentado após exaustivas audiências públicas com todos os atores envolvidos no conflito da reserva indígena Raposa/ Serra do Sol, em Roraima, será submetido ao presidente Lula para que ele decida qual o melhor caminho para a questão. Nele, não busco fomentar o conflito, mas apontar soluções que contemplem a todos, que preserve a segurança nacional e garanta sustentabilidade para o estado de Roraima e para aqueles que vivem da terra, sejam eles índios ou não”. “A homologação da reserva em área descontínua, reservando a faixa de 15 quilômetros de fronteira para a atuação das Forças Armadas e preservando o município de Uiramutã e as fazendas produtivas da região é, no nosso entender, a melhor forma de evitar uma guerra civil em plena Floresta Amazônica. Isso, nenhum brasileiro em sã consciência deve desejar. Muito menos o presidente de um órgão como a Funai”. A opinião é de Lindberg Farias, deputado federal do PT-RJ no artigo *Guerra na floresta*, publicado dia 22-4-04, no jornal **O Globo**. Lindberg Farias, possível candidato a prefeito de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, já foi presidente da UNE e filiado ao PCdoB. Como já divulgado nesta editoria, a CNBB e outras entidades de defesa dos povos indígenas defendem a homologação da reserva Raposa/Serra do Sol em área contínua.

### **“Não foram os índios pobres que massacraram os garimpeiros”.**

Esta é a opinião de D. Antonio Possamai, bispo de Ji-Paraná, RO, cuja área de atuação inclui parte da reserva dos cintas-largas. A opinião está publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 22-4-04. D. Antonio Possamai, salesiano, tem uma longa experiência no campo indígena. Ele sempre assumiu posições muito firmes em defesa dos sem-terra e dos povos indígenas. Segundo ele, grandes empresários do garimpo, que atuam dentro da terra indígena Roosevelt, em Rondônia e Mato Grosso, utilizam pistas de pouso da Fundação Nacional do Índio (Funai) para transportar diamantes extraídos ilegalmente da área. O bispo sustenta que os pelo menos 29 garimpeiros mortos dentro da área dos cintas-largas são pequenos garimpeiros cuja presença na região fere os interesses dos grandes empresários que têm estreitas relações com alguns caciques. A extração de diamantes em terras indígenas é ilegal. Esses caciques é que teriam ordenado a morte dos garimpeiros. Dada a ordem, os cintas-largas dificilmente deixariam de cumpri-la, pois eles quase nada fazem sem o consentimento dos caciques, disse o bispo.

### **Movimentos sociais têm de ser nitidamente subversivos.**

“O governo Lula foi eleito não com a promessa radical de romper com todos os modelos, mas com a promessa, menos ambiciosa, de encontrar meios e modos de diminuir um pouco a desigualdade na sociedade brasileira. Se medir o governo Lula pelos critérios mais radicais, a decepção será enorme. Mesmo os mais modestos, que estão medindo o governo apenas pela régua da atenuação das desigualdades, também já estão se decepcionando. Quer dizer, a régua do Lula não chega nem a tentar mudar um pouquinho as condições da sociedade. Com a atual distribuição de renda do País, não chegaremos a lugar nenhum”. A opinião é de Chico de Oliveira, sociólogo, em entrevista publicada no jornal **Brasil de Fato**, 8 a 14 de abril de 2004. Comentando o papel dos movimentos sociais, Chico de Oliveira afirma que numa “sociedade como a brasileira, os movimentos sociais precisam ser nitidamente subversivos, desmontar a ordem constituída que mantém essa desigualdade abissal. Os movimentos sociais têm de envolver o governo e penetrar a carapaça de um partido que se transforma em partido da ordem. É extremamente difícil, porque a economia e a sociedade brasileira são muito complexas para serem administradas com qualquer simplificação da realidade. No governo, o PT simplifica demais essa realidade. E, ao simplificá-la, tende a reduzir tudo ao denominador

comum da governabilidade, que para eles é ter maioria no Congresso. Aí, o governo consegue uma proeza extraordinária: nem Fernando Henrique teve no Congresso a maioria que o PT tem. Entretanto, não governa, enquanto Fernando Henrique, com menos, governou”.

### **Ocupar, produzir, resistir**

Avi Lewis e Naomi Klein, autora do livro **No Logo**, traduzido, inclusive para o português, apresentaram no dia 19-4-04, em Buenos Aires, o documentário **The Take** (A Tomada). Trata-se de um filme documentário sobre a tomada da fábrica Brukman, em dezembro de 2001, pelos seus operários, sob a palavra de ordem “ocupar, produzir, resistir”. Trata-se da mesma palavra de ordem do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), do Brasil. O documentário é, segundo o jornal argentino **Página/12**, 20-4-04, um *thriller* político sobre a globalização: operários que recuperam empresas e as administram sem patrões. O documentário mostra a revolta popular como uma luta contra o modelo neoliberal. “A Argentina é o lugar para onde o mundo está indo”. - dizem Lewis e Klein na longa entrevista publicada pelo jornal argentino citado.

### **“Não temos outro caminho” - afirma o presidente nacional do PT.**

Em entrevista publicada pelo jornal **O Globo**, 17-4-04, José Genoíno, perguntando sobre a política econômica do atual governo foi peremptório ao dizer que não haverá mudança, porque “não temos outro caminho. Estou sendo muito claro. O Brasil já testou outros caminhos e a emenda fica pior do que o soneto. Não podemos comprometer o trabalho sério que foi feito. As flexões, os ajustes e as prioridades não podem comprometer a macroeconomia como ela tem sido conduzida. É difícil? É. Tem desgaste? Tem. Tem custo? Tem. Mas não há outro caminho.” “O pior é a gente cair num populismo eleitoral ou num populismo social e o País entrar numa sinuca. O governo e o PT estão tendo muita coragem. Fizemos reuniões sobre a questão com o governo Lula, com consultores de fora, de dentro do PT, entre deputados e dirigentes, e a conclusão que predomina é que esta política econômica vai dar certo. Temos que segurar o tranco, tem desgaste e tem pauleira, mas nós não pioramos a situação da população”. Por sua vez, em declaração publicada na **Folha de S. Paulo**, 19-4-04, Sílvio Pereira, secretário-geral do PT afirma: “Não adianta brigar. O modelo econômico é esse e não mudará. Para o bem ou para o mal, vamos com esse mesmo até fim”.

### **Lula não rompeu com o neoliberalismo, constata a CNBB.**

O Brasil ainda não conseguiu, nos primeiros 15 meses do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, romper com a política macroeconômica neoliberal, o que se contrapõe ao que os movimentos sociais, em parceria com o PT, sempre defenderam. A avaliação está no documento que começou a ser discutido dia 21 de abril, durante a abertura 42 Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), iniciada na quarta-feira, dia 21-4-04, em Itaici. A notícia está publicada no jornal **O Globo**, 22-4-04.

### **Esquerda internacional perplexa com Lula.**

Susan Buck-Morss, professora de filosofia política e de teoria social da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, participou do último Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre e, numa entrevista publicada na coluna de Merval Pereira, no jornal **O Globo**, 22-4-04, analisando o governo Lula, afirma que “certamente todo mundo estava muito animado quando ele assumiu o governo no Brasil, diante da possibilidade de uma resistência real à hegemonia globalizada”. Ela já ouviu várias explicações para o que chama de “retrocesso em relação às alternativas que estavam sendo propostas”, alguns culpando Lula diretamente, dizendo que ele está

“comprometido, que está deslumbrado com o poder, que está entusiasmado por Bush, que foi amável com ele”. Mas ela se pergunta se “estruturalmente, um Estado pode resistir ao capital mundial”. Segundo ela, “para nós, fora do Brasil, esse foi um grande desapontamento. Porque se ele nada pode fazer, se ele não tem força política, com o tipo de apoio popular que tem, isso é perturbador para nós do resto do mundo”.

### **Lula e De la Rúa. Semelhanças inquietantes**

Paulo Nogueira Batista Jr., 49, economista e professor da FGV-EAESP, refletindo sobre a crise social vivida pelo Brasil, que se manifestou mais dramaticamente nestas últimas semanas, com os assassinatos de garimpeiros, a rebelião de presos em Porto Velho, a Rocinha no RJ, vê uma semelhança inquietante com o governo de De la Rúa, na Argentina. Enquanto a crise social se aprofunda, o governo discute apaixonadamente a revisão da meta de inflação para 2005. O economista afirma que “neste momento, em Brasília, transcorre dentro do governo uma discussão emocionante. Os defensores de uma flexibilização da política econômica propõem, com o devido cuidado, uma revisão da meta de inflação para 2005. Discute-se acirradamente se a meta atual de 4,5% deve ser aumentada um pouco, talvez para 5% ou 5,5%. O ministro Palocci resiste, ao que parece. Patético. Isso equivale (com o perdão da comparação um pouco surrada) a debater a disposição das mesas para o chá das cinco no convés do Titanic”. “Não sei se deveria fazer mais uma comparação. Hesito. Vá lá: infelizmente, com o passar do tempo, o governo Lula lembra cada vez mais um outro governo sul-americano de triste memória - o governo De la Rúa. Não quero exagerar. Há tempo de evitar desastres e tomar o rumo certo. O Brasil de 2004 não é a Argentina de 2000 ou 2001. Mas há semelhanças inquietantes: uma grave crise socioeconômica e um governo que, embora eleito para mudar, tem medo de tentar fazê-lo. Uma mistura explosiva”.

### **Brasil: normalidade com desemprego recorde. Uma revolução.**

O Banco Central sinalizou dia 22 de abril que não pretende promover cortes muito pronunciados nos juros básicos da economia, atualmente em 16% ao ano. Nas palavras do BC, “um ritmo mais moderado de reduções dos juros” é “um sintoma natural” da “normalização do ambiente macroeconômico” e permitirá a criação de um “cenário duradouro de estabilidade com crescimento”. As afirmações constam da ata da última reunião do Comitê de Política Monetária do BC (Copom), que, na semana retrasada, decidiu reduzir os juros em 0,25 ponto percentual. Apesar de reconhecer que indicadores importantes do nível de atividade - como o desemprego e a produção industrial - apresentam comportamento pouco animador, o BC voltou a defender que a maior lentidão na queda dos juros não afeta a recuperação da economia. Enquanto isso, segundo pesquisa feita pelo Seade e pelo Dieese, os sem-emprego chegaram a 20,6% da população economicamente ativa da região metropolitana de S. Paulo. É um nível recorde, registrado em apenas três outras oportunidades pela pesquisa (que começou a ser realizada em 1985), e o mais alto já verificado num mês de março. Com o índice registrado no mês passado, o número de desempregados chegou a 2 milhões nas 39 cidades pesquisadas pela Fundação Seade e pelo Dieese - o que equivale a dizer que um em cada cinco trabalhadores da Grande São Paulo está desempregado. Tanto a nota do Copom quanto os dados da pesquisa Seade/Dieese estão publicados nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, entre outros, no dia 23-4-04.

### **Bird: “Lula promove uma revolução no Brasil”.**

A afirmação acima é do presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn. Ela está publicada no jornal *O Globo*, 23-4-04. Segundo o presidente do Bird, “o que o presidente Lula está

fazendo é talvez a mais importante tentativa no mundo hoje: criar equidade social num país muito grande, e no qual ele está reunindo todos os segmentos para atingir um novo objetivo, que é a justiça social, que é colocar alimentos na mesa dos brasileiros, e realizar aquilo que é uma revolução em seu país: fazer com que ricos e pobres se unam para obter uma distribuição de renda mais justa, para que haja crescimento na sociedade”.

### **A paramilitarização colombiana**

No final dos anos 1980, o jesuíta colombiano Javier Giraldo participou do processo que obrigou o Estado colombiano a reconhecer a morte de 100 pessoas em Trujillo, assassinadas por soldados e policiais. Agora, ele confia que “as matanças” durante o governo do atual presidente colombiano, Álvaro Uribe não fiquem impunes. O padre jesuíta colombiano Javier Giraldo é tema de uma longa reportagem e entrevista publicada no jornal espanhol *El País*, 22-4-04. Antes de dezembro de 2005, 13 mil paramilitares se comprometeram a deixar as armas, mas Giraldo, vice-presidente da Liga Internacional pelo Direito dos Povos, assegura que o seu número é maior. Segundo o padre jesuíta, “o governo Uribe traçou uma estratégia de paramilitarização muito sutil: a segurança democrática. Diz que é para os sindicalistas, os defensores dos direitos humanos, os indígenas, mas na prática estes estão desprotegidos”. E continua: “Multiplicaram-se as detenções arbitrárias, as acusações, as capturas e os processos por delitos supostamente políticos com métodos que não permitem se defender”. Javier Giraldo afirma que “Uribe falou da possibilidade de ter um milhão de informantes e há poucos dias se falava de dois milhões. São pagos pelo governo e isso rompe com a moral da informação”. E refletindo sobre isso, ele constata que “um desempregado que nesta situação resolve acusar o seu vizinho de guerrilheiro pode ganhar algo para comer. São informações que não são avaliadas com seriedade”. Comentando as pesquisas que dão 80% de popularidade ao presidente, pergunta: “Como pode um povo ser tão masoquista que apóia a quem o destrói?”

### **Miséria aumenta 50% no município de São Paulo.**

Em seu estudo *O mapa do fim da fome II: zoom nas favelas cariocas*, Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), constata que a nova safra de dados comprova que a crise social se instalou com força nas metrópoles brasileiras por conta da reduzida oferta de trabalho. “O desemprego e a violência são os dois problemas a ocupar hoje os corações e mentes dos brasileiros urbanos, como atestam pesquisas de opinião”. A seu ver, os novos programas sociais beneficiaram mais os grotões de miséria rural, e isso está levando a uma imigração reversa, ou seja, os brasileiros começam a fugir das cidades e estão voltando ao campo por falta de trabalho e medo da violência incrustada nas favelas cariocas e na periferia paulista, destaca o pesquisador. Segundo ele, entre 1991 e 2000, a taxa de miséria aumentou cerca de 50% no município de São Paulo, subindo de 8% para 12% a proporção local de miseráveis, e caindo 19% no Rio. Mas, de lá para cá, a miséria cresceu mais nas periferias das grandes metrópoles - 10,4% na periferia paulistana e 18,3% na fluminense, invertendo esta tendência que deverá ser mantida em futuro próximo, já que as perspectivas futuras da economia - agronegócios e exportações - favorecem mais São Paulo. A notícia foi publicada no jornal *Valor Econômico*, 16 a 18 de abril de 2004.

### **Morador da favela trabalha quatro horas e meia a mais que um habitante da zona sul do RJ**

Um morador da Cidade de Deus, favela na Zona Oeste do Rio, trabalha em média quatro horas e meia a mais por semana do que um habitante da Lagoa, mas ganha um salário quase seis vezes menor. “Isso derruba o estereótipo do malandro de morro carioca. A jornada média semanal de trabalho de um morador da favela é cinco horas maior do que a de alguém do



‘asfalto’”, explicou o economista Marcelo Néri. A notícia está publicada no jornal **Valor Econômico**, 16 a 18 de abril de 2004. Por hora trabalhada, um residente na favela do Jacarezinho recebe R\$ 1,81, em média. Ao final do mês, seu salário soma R\$ 368 contra R\$ 440 de um morador da Cidade de Deus. No outro extremo, está um trabalhador que mora na Lagoa. Seu salário por hora chega a R\$ 15,18, o que, em termos mensais, representa R\$ 2.766. “Na favela, eles trabalham mais e ganham menos, conforme comprovam as estatísticas”, resume o economista.

### **Iraque: O Vietnã dos EUA?**

Um em cada 10 novos membros da jovem polícia iraquiana trabalha para os rebeldes que lutam contra a ocupação dos EUA. O dado é publicado pelo jornal **El País**, 23-4-04. Segundo o jornal, pela primeira vez, as tropas de ocupação da coalizão militar reconheceram que um grande número de insurgentes se infiltrou na polícia e, pior ainda, outros muitos abandonam estas forças de segurança depois de terem recebido o treinamento dado pelas forças militares de ocupação.

### **Bush: Geneticamente incapaz de ser multilateral**

“Nos últimos dias testemunhamos uma mudança no Iraque e o início de um novo período. Antes do assalto de Faluya e da atuação do líder xiita Múqtada al Sáder, existia alguma possibilidade de ganhar a paz. Isso hoje não é mais possível. Os EUA perderam a paz. A única possibilidade é que aceitem a proposta de Brahimi, enviado especial da ONU, para criar um novo Governo”. A opinião é de Samer S. Shebata, professor do Centro de Estudos Árabes Contemporâneos da Universidade de Georgetown, em entrevista publicada no jornal **El País**, 23-4-04. Segundo ele, “o ideal seria uma implicação completa da ONU e uma limitação do papel dos EUA que garanta a segurança. A segurança é vital para o Iraque. Hoje ninguém quer investir ali porque é muito inseguro. Pessoalmente, creio que este é um cenário impossível porque o Governo de George W. Bush é geneticamente incapaz de ser multilateral. Muitas pessoas deste Governo detestam as organizações internacionais existentes”.

## **Frases da Semana**

### **O governo Lula – o pior dos mundos**

“O governo está numa situação estranha: não tem hegemonia porque perdeu o consenso da sociedade, e tem maioria política, mas essa maioria não governa. O PT está no pior dos mundos”. – Chico de Oliveira, economista e sociólogo – **Brasil de Fato**, 8 a 14 de abril de 2004.

“Não existe diferença entre FHC e Lula. Ambos seguem as determinações do Consenso de Washington, o neoliberalismo”. – Octavio Ianni, sociólogo, citado pelo jornal espanhol **El País**, 19-4-04, comentando a sua morte recente.

“Peço a Deus que a frustração e a decepção não venham a matar a esperança”. –D. Geraldo Lyrio Rocha, arcebispo de Vitória da Conquista (BA) – **O Globo**, 22-4-04

“Está na hora do governo brasileiro sinalizar ao capital financeiro internacional a revisão do pagamento do serviço da dívida. Não é a suspensão do pagamento, mas a regulação”. – D. Demétrio Valentini, bispo de Jales, SP – **O Globo**, 22-4-04.

“Vivemos agora em uma era pós-neoliberal na qual as certezas do Consenso de Washington deram lugar a buscas mais complexas”. - Francisco Panizza, sociólogo uruguaio e especialista em América Latina da London School of Economics – **Folha de S. Paulo**, 22-4-04.

“O medo ainda não venceu a esperança. Tenho acompanhado solidariamente os passos do governo, mas este é o momento da virada. Lula precisa abandonar a ortodoxia econômica e assumir seu compromisso histórico com as minorias, como os índios, os negros e os sem-terra. Acho positivas as iniciativas para fortalecer os laços com a África e defendo as cotas. Finalmente, o Brasil está reconhecendo que é um país racista”. – Boaventura de Sousa Santos, diretor do Centro de Documentação 25 de Abril e professor da Universidade de Coimbra - **O Globo**, 25-4-04.

“Os exaustivos discursos que falam em falta de recursos mentem. Não falta dinheiro, não. Ainda ontem os jornais informavam que o governo deixou de gastar, no primeiro trimestre, R\$ 6 bilhões acima dos R\$ 14,5 de economia fixados com o FMI. Ficou inútil, nos cofres, dinheiro que permitiria fazer muito pela reforma agrária, contra a criminalidade e a violência, pelo saneamento, por tantos modos de atenuar a desgraça dos 50 milhões que vivem abaixo da linha de pobreza” – Jânio de Freitas, jornalista – **Folha de S. Paulo**, 25-4-04.

“Apóio a política econômica, mas não estou vendo esses resultados, não dá para mentir” – Cristóvam Buarque, senador, explicando porque se negara a gravar no programa regional de TV do PT a seguinte frase: “Todos estão vendo a retomada do crescimento econômico...” – **Veja**, 28-4-04.

#### **Kirchner e a política econômica**

“A economia argentina está se recuperando a um ritmo frenético. Cresceu 10,4% em fevereiro comparado com o mesmo mês do ano anterior. Nos dois primeiros meses de 2004, o crescimento foi de 9,7%, devolvendo a segunda maior economia da América do Sul aos níveis pré-crise pela primeira vez”. - Financial Times comentando o desempenho da economia argentina, citado na coluna de Clóvis Rossi – **Folha de S. Paulo**, 23-4-04.

“Ou seja, DURANTE A MORATÓRIA, a Argentina recuperou tudo o que havia perdido ANTES DA MORATÓRIA. E a idiotia predominante continua achando que, contra seus argumentos, não há fatos”. – Clóvis Rossi, comentando a notícia acima do Financial Times de Londres – **Folha de S. Paulo**, 23-4-04.

#### **PT e PSDB**

“PT e PSDB, os dois partidos serão, por algum tempo, o centro de gravitação da política brasileira, e todos os outros são clones dessa formação”. – Chico de Oliveira, economista e sociólogo – **Brasil de Fato**, 8 a 14 de abril de 2004.

#### **Lula e a política indígena**

“Não creio que o governo Lula tenha um projeto para os povos indígenas”. – D. Antonio Possamai, bispo de Ji-Paraná, RO – **Folha de S. Paulo**, 22-4-04.

#### **Lula e a política ambiental**

“Nós que somos do sul do país temos que aprender que não dá para a gente ficar dizendo que a Amazônia tem que ser um santuário da humanidade e não lembrar que aqui moram quase 20 milhões de seres humanos, que têm mulheres e filhos e, portanto, têm o direito de viver dignamente como qualquer outro ser humano neste planeta”. – Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil ao anunciar construção de um gasoduto de 420 km que vai cortar a selva amazônica da província petro-gasífera de Urucu, em Coari, até Manaus – **Folha de S. Paulo**, 23-4-04.

“É uma decisão precipitada do presidente e do governo do Amazonas em não ouvir a sociedade organizada. Vemos que a proposta é prejudicial ao meio ambiente. Os estudos dizem isso”. - Auriédia Marques da Costa, coordenadora regional da Comissão Pastoral da Terra (CPT) no Amazonas – **Folha de S. Paulo**, 23-4-04.

“Ecologistas que pensam assim são uma criação da cabeça do presidente, são moinhos de vento. Possivelmente Lula não leu seu próprio programa de governo, elaborado por ecologistas que estão longe de corresponder a essa caricatura” – Fernando Gabeira, deputado federal, comentando a afirmação de que a Amazônia não é apenas um “santuário da humanidade” – **Folha de S. Paulo**, 25-4-04.

#### **Lula cuidando do Brasil como esposo e pai**

“Todo o santo dia alguém me pergunta se eu estou governando o Brasil, e eu falo: não, estou cuidando do Brasil. Eu quero cuidar deste país com o mesmo carinho que cuido da minha mulher e dos meus filhos”. - Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil – **Folha de S. Paulo**, 23-4-04.

#### **Pena de morte**

“Durante um assalto à minha casa, os bandidos puseram o revólver na cabeça dos meus filhos. Eu quero que esses caras morram. Se eu tenho medo? Eu não tenho medo de nada. Eu tenho carro blindado. Se vierem em cima de mim, eu contrato 50 mil seguranças. Meus filhos estão traumatizados até hoje. Só andam de carro blindado. Sou a favor da pena de morte”. - Maria Célia Cury, decoradora – **Folha de S. Paulo**, 4-4-04.

#### **A galáxia de Ronaldinho Gaúcho**

“É o ícone do FC Barcelona. A estrela “anti-estrela”. Com suas jogadas e sua simpatia colocou no bolso a todos. Celebra os golos no ritmo de samba. Definitivamente, Ronaldinho é de outra galáxia” – reportagem especial do caderno **El País Semanal** – **El País**, 25-4-04.

#### **Dalton Trevisan – O Vampiro**

“Não gosto de escritores. São vaidosos, pedantes. As suas intriguinhas de província me aborrecem. Achem que merecem o Nobel. Também não gosto dos leitores. Pelo menos não dos mais fanáticos, dos imbecis que vêm me encher o saco. Querem conversar sobre os meus livros, querem autógrafos, querem escrever teses sobre mim. Odeio os professores de literatura, os críticos” - DALTON TREVISAN, escritor, é tido hoje, pelos principais críticos, como o grande contista vivo da língua portuguesa – **Folha de S. Paulo**, 25-04-04.

“Gosto dos poetas. Gosto dos poemas do Chico Alvim. Têm tudo a ver comigo. Os novos? Quase não leio. Não me interessam. A grande época da literatura brasileira já vai longe. Já passou” - DALTON TREVISAN, escritor – **Folha de S. Paulo**, 25-04-04.

“No mundo todo há a grande literatura erótica, que é bela. Nela o sexo é importante. A pornografia não me interessa. Nem a violência gratuita, banal. Não vamos misturar alhos com bugalhos, Machado com Eça de Queiroz” – Dalton Trevisan, escritor – **Folha de S. Paulo**, 25-4-04.

“Hoje só leio Machado de Assis. Leio e releio. Não me interessam os outros” - Dalton Trevisan, escritor – **Folha de S. Paulo**, 25-4-04.

## EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

### Inclusive – Movimento contra a exclusão social

A coordenação do ciclo gratuito de painéis **Inclusive – Movimento contra a exclusão social** convida a comunidade universitária para sua segunda edição, que acontece hoje, dia 26 de abril, das 17h às 19h, na sala 1G119 do IHU. O tema a ser discutido será **Justiça e cidadania nas ruas**. Estarão presentes André Luis Cardoso de Araújo e José Nedir Malta Ramires, integrantes do **Jornal Boca de Rua**; a jornalista Rosina Duarte, fundadora e representante da Agência Livre para Infância, Cidadania e Educação (Alice); e a Prof.<sup>a</sup> Marta Regina Cioccarri, professora das Ciências da Comunicação da Unisinos e professora de Antropologia na UFRGS, jornalista e Mestre em Antropologia Social pela UFRGS. Ao final, haverá abertura para o debate com o público.

**IHU On-Line** conversou com Rosina Duarte, jornalista, fundadora da Associação Livre para a Infância e a Adolescência- Alice organização responsável pelo **Jornal Boca de Rua** elaborado por moradores de rua de Porto Alegre e com a prof<sup>a</sup> Ms. Marta Regina Cioccarri sobre o evento.

#### JORNAL BOCA DE RUA: JORNALISMO ALTERNATIVO, COMUNICAÇÃO E DIGNIDADE

##### Entrevista com Rosina Duarte

**IHU On-Line-** De que forma será abordado o tema **Justiça e cidadania nas ruas** na próxima edição do evento **Inclusive**?

**Rosina Duarte-** Farei minha exposição junto com André Luis Cardoso de Araújo e José Nedir Malta Ramires, moradores de rua que participam do projeto Boca de Rua. Contaremos essa experiência do meu ponto de vista que sou uma técnica que os orienta e do ponto de vista deles que, até certo ponto, recebem essa orientação, até certo ponto se apropriaram dessa orientação e já caminham com as próprias pernas. Tanto existe um outro projeto derivado do Boca de rua que é o Boquinha, suplemento feito pelas crianças e adolescentes.

**IHU On-Line-** Como definiria o jornal **Boca de Rua**?

**Rosina Duarte-** O Boca não é um projeto assistencial, é um projeto de comunicação. Se fosse um projeto assistencial, seria um fracasso, porque não temos o objetivo de tirar as pessoas da rua, e sim dar cidadania para eles estejam onde estiverem. Estamos tentando estabelecer uma rede com o que já existe para que tenham um tratamento especial em diversas áreas, entre outras a área da saúde, mas não porque são do Boca, e sim porque eles têm dificuldades

diferentes de pessoas que têm casa. É muito comum eles terem pneumonia, tuberculose e serem dispensados para tratamento em casa. Uma vez que aconteceu isso eu perguntei para um médico, “na sua casa ou na minha?” O objetivo mesmo do Boca é possibilitar a voz a quem não é ouvido.

***IHU On-Line- Alice partiu, então, da constatação de que a mídia não ouve um grande número de pessoas?***

**Rosina Duarte-** Nós, os jornalistas que iniciamos Alice, chegamos, sim, a essa conclusão. A grande maioria da população não está representada na grande imprensa. Ninguém sabe como vive um morador de rua e uma das provas disso aconteceu há poucos dias atrás. Um morador de rua caiu ou se suicidou de um viaduto, aqui em Porto Alegre, e a notícia era impressionante. Lembrou-me da música do Chico “caiu na contramão atrapalhando o tráfego”, porque não tinha o nome da criatura, não tinha nada sobre ele, só a confusão que ele causou, caindo de um viaduto. Os moradores de rua, embora tenham toda sua vida exposta, porque, na verdade, eles são os verdadeiros *big brothers*, são invisíveis para grande parte das pessoas e principalmente da mídia.

***IHU On-Line- De que forma a experiência do Boca de Rua vai dando frutos de cidadania e recuperação da dignidade humana?***

**Rosina Duarte-** É importante repetir que é um projeto de comunicação, e não de assistência social. Tanto que nós não damos nem um real para ninguém, não intermediamos doações de roupa, etc. O que proporcionamos é o trabalho e principalmente uma mudança de auto-imagem que, muitas vezes, é: “eu sou um morador de rua, ex-presidiário, aidético e semi-analfabeto”. O objetivo, no momento que passa a ser parte do Boca, é que se veja como cidadão, trabalhador membro de um grupo. Essa mudança de auto-imagem é o grande objetivo do Boca do ponto de vista dos moradores de rua. Há um outro grande objetivo que é proporcionar ao leitor a oportunidade e o privilégio de espiar pela fechadura de um mundo ao que ele nunca vai ter acesso se não for pelo Boca de Rua. Esses são os dois objetivos para os que fazem o Boca e para os que o lêem. O resto são ganhos secundários, porque se não temos um sistema de encaminhamento não poderemos trabalhar com eles. Temos, como qualquer empresa teria que ter, um sistema de encaminhamento médico e outros cuidados de qualquer grupo humano. E lá ainda é mais necessário.

***IHU On-Line- O projeto atinge também crianças e adolescentes de rua?***

**Rosina Duarte-** O morador de rua quando chega, chega com tudo: com suas tralhas, o que tem de bom e de ruim, problemas e alegrias, experiências, inclusive com suas crianças; ele vem inteiro. O Boquinha, suplemento do Boca de Rua, surgiu por causa de uma polêmica: as crianças estavam participando do jornal e vendendo-o, o que não pode acontecer. Fomos, até denunciados por causa disso. Então nós tínhamos duas possibilidades: ou cortávamos o mal pela raiz, excluindo aquelas crianças, e com isso logicamente excluíamos também a família ou pensar alguma coisa para as crianças. E como a idéia do Boca é justamente não excluir, e nisso é diferente da maioria das instituições nas quais as pessoas têm que se enquadrar, a solução foi esse suplemento elaborado por crianças e adolescentes. O Boquinha é mais lúdico não tão vinculado a fatos. Eles não se reúnem para fazer pauta, e sim para fazer oficinas de brincadeiras, de malabarismos, de arte, de comunicação, discutir alguma coisa que eles queiram. Às vezes, há um teatro no parque. Eles participam. Lá pelas tantas, nesse processo, começamos a descobrir o que está na roda, qual é o assunto do momento sobre o qual eles querem falar, a partir daí fazemos as oficinas de comunicação e são elaborados os textos. É um

trabalho muito criativo, muito lindo. Já fizeram um estatuto dos meninos e meninas de rua, fizeram a cidade ideal: pegaram todos os problemas da cidade, segundo eles e ofereceram soluções que são fantásticas, revolucionárias e, ao mesmo tempo, muito simples. Agora estão fazendo sobre sentimentos: o que são, o que provoca determinados sentimentos, etc. Mistura comunicação, arte, brincadeira, sonho e tudo.

***IHU On-Line- Como se dá o dia-a-dia da redação do Jornal?***

**Rosina Duarte-** O grupo se reúne, decide qual vai ser o assunto da próxima edição, faz as pautas, os textos, as fotos e ilustrações. No meio desse processo, surgem discussões sobre problemas ou necessidades do grupo que tomam uma ou duas reuniões. Nos reunimos semanalmente no Parque da Redenção, não temos sede, somos sem teto. Todas as normas foram criadas pelo próprio grupo. Uma pessoa pode dizer que comprou o Boca de alguém que estava completamente drogado e é possível. A maioria não faz isso, tem um comportamento bem mais profissional. Existem regras por eles mesmos criadas que não estão escritas, uma delas é que não pode vender drogado. Pretendemos incluir isso no jornal: “não compre de vendedores alcoolizados ou que tenham consumido drogas”, mas acontece. Nossa idéia não é educar, porque educados eles são, mas é disseminar alguns princípios básicos que decidimos junto com eles. Mas, não são colocados pré-requisitos do tipo “só pode participar quem não usa drogas”. Entram no grupo do jeito que eles são. Eles são muito assíduos e pontuais. Aprendem muito rápido, são muito inteligentes e têm uma memória incrível. Claro que, às vezes, faltam pelas condições de saúde ou psicológicas ou o próprio consumo de drogas mesmo, mas em geral são bastante assíduos, tanto que criaram uma regra entre eles que se alguém falta até três vezes sem justificativa perde a vaga.

***IHU On-Line- Como avalia essa experiência de ter deixado a grande imprensa para exercer a profissão de uma maneira tão diferenciada?***

**Rosina Duarte-** Cheguei à conclusão de que é possível se fazer um projeto com muitos riscos, com muita polêmica, com considerável grau de complicação na medida em que se lida com pessoas sem limar o que pode trazer problemas para o projeto. O trabalho no Boca ainda é totalmente voluntário, geralmente trabalho de noite ou madrugada. Futuramente esperamos profissionalizar um pouco mais o projeto. Tenho 23 anos de profissão e sempre fui repórter da área pública, buraco de rua mesmo, injeção de realidade na veia e quando isso começou a retroceder e não pude ter mais espaço para trabalhar nessa linha fiquei muito angustiada. Na época, trabalhava no **Zero Hora** e saí sabendo que estava esgotado meu lugar na grande imprensa. E saí muito consciente de que não estava mudando de jornal, estava saindo mesmo. No começo, não sabia bem o que fazer, não me conseguia enxergar exercendo minha profissão de outra forma que não fosse repórter. Trabalhei um tempo como free lancer e formamos um grupo para fazer free lancers na área de jornalismo social, termo que eu tenho horror de usar, é como dizer homem humano, é um reprise. Encontrei outros jornalistas com as mesmas inquietações e resolvemos começar **Alice**. Passou um tempo até começarmos a acertar os passos. Acho que a minha maneira de ver o jornalismo continua intacta, mas enxerguei a comunicação de maneira muito mais ampla. Redescobri a magia da comunicação, o direito das pessoas de exercer a comunicação e terem sua própria voz: o jornalista não é o dono da comunicação. Às vezes, as pessoas me dizem que estou incentivando o exercício ilegal da profissão, mas eu respondo que estou descobrindo outras formas de trabalho inclusive para o jornalista, como orientador e não como dono da comunicação.

---

## A INVISIBILIDADE DOS MORADORES DE RUA

### Entrevista com Marta Cioccarì

**IHU On-Line- Qual será o aspecto que mais vais destacar na tua apresentação no tema Justiça e cidadania nas ruas?**

**Marta Cioccarì-** O principal aspecto a ser ressaltado quando se fala do projeto do **Boca de Rua** é a importância deste trabalho para romper a "invisibilidade" deste contingente de excluídos. Ou seja, entendo que o jornal rompe com o silenciamento imposto socialmente à população de moradores de rua, que, sem acesso ao discurso para falar de si dentro dos meios de comunicação, é mencionada apenas como portadora de um estigma de "marginal", "perigoso" e "indesejável". É como se, fora desses estereótipos, essas pessoas fossem "invisíveis", o que significa dizer sem direito a ocupar um lugar de dignidade no mundo. Ao dar voz aos seus integrantes, que podem expressar suas idéias, contar suas vidas e expor suas visões de mundo, o **Boca de Rua** resgata uma dimensão ética praticamente esquecida no jornalismo contemporâneo. Mais do que isso: propicia um resgate da auto-estima e da dignidade roubada pela miséria, pela violência e pela precariedade da vida de quem não tem casa para morar nem, na maioria das vezes, um trabalho para dar sentido ao seu cotidiano. Esses jornalistas-jornaleiros do **Boca de Rua** não apenas discutem pautas, escrevem textos e lançam mão da criatividade em seus encontros semanais, mas também constroem para si uma nova identidade social, que atravessa as suas narrativas e que se constitui a partir das histórias contadas e compartilhadas, tecidas e eternizadas em textos e imagens que se propagam até o leitor. Essa nova identidade, que se forja no grupo, resgata sentidos para a vida dos integrantes do **Boca** e diz da sua importância, de suas peculiaridades e belezas que afloram em meio à vida dura das ruas.

**IHU On-Line- Como a antropologia e o jornalismo podem convergir para compreender uma experiência como a da criação do jornal Boca de Rua?**

**Marta Cioccarì-** Na minha opinião, nós, jornalistas, temos muito a aprender com os antropólogos sobre as formas de aproximação com o "outro", com as culturas e grupos sociais que se diferenciam dos nossos. O trabalho do antropólogo, que lança mão da "observação participante", procura conhecer, compreender e respeitar as diferenças, vendo-as como um aspecto de riqueza da interação, que possibilita compartilhar uma outra forma de olhar e de sentir o mundo. Trata-se de uma interação muito menos polarizada nas relações de poder do que as que nós, jornalistas e comunicadores, temos em geral estabelecido, em particular quando nosso interlocutor pertence a um universo socialmente desfavorecido, por ser negro, pobre, morador de rua, portador de HIV ou porque simplesmente carrega de alguma forma o estigma da exclusão. Essa abertura e esse diálogo com a diferença que caracteriza a contribuição da antropologia para a comunicação eu encontro, de forma inédita, no trabalho desenvolvido pelas jornalistas Rosina Duarte e Clarinha Glock e sua equipe. A generosidade de seu envolvimento e a paciência de sua escuta, aliadas ao seu talento de grandes repórteres, possibilitaram que o **Boca de Rua** ganhasse corpo e voz. Esse projeto reveste-se de importância ainda maior num contexto em que a prática de contar histórias de "gente comum", que deveria ser a razão de ser da comunicação "social" e do jornalismo, tem-se perdido nas últimas décadas com o desaparecimento quase absoluto da reportagem.

**IHU On-Line- O que deve mudar nas universidades para formar profissionais com uma consciência mais clara do contexto em que vivem e uma disposição a se arriscar a criar projetos que promovam o bem comum?**

**Marta Cioccarì-** Ao invés de abrigarem-se em ilhas de conhecimento ou de "desconhecimento", acredito que as universidades brasileiras precisam voltar-se para conhecer e conviver com o cotidiano das classes menos favorecidas, propiciando a seus estudantes experiências de envolvimento com projetos que lhes ensinem sobre ética, responsabilidade social e sobre o contato com a diferença. Nos cursos de Jornalismo, em particular, defendo que ao invés de se fazerem tantas "simulações" de jornalismo, com as famosas enquetes de pautas rasas pelos corredores das instituições, desenvolvam-se projetos em que possamos sair do próprio umbigo e colocar nossos alunos em contato com realidades sociais que lhes provoquem o estranhamento ao mesmo tempo que os levem à construção de formas de solidariedade. Significa ensinar um jornalismo que seja inseparável de sua realidade social, seja porque resgata sua vocação primeira, seja porque busca, nas histórias vividas e contadas por "gente comum", a inspiração e a matéria-prima de textos que chegam vivos ao leitor, fazendo-o sentir-se parte de um todo que é interligado e pelo qual também é responsável.

## Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault

Na última quinta-feira, dia 22 de abril de 2004, foi realizada a segunda palestra do **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**. Na ocasião, o Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, falou sobre o tema *Figuras do poder: entre disciplina e controle*. O professor Henrique concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** número 97, de 19 de abril de 2004, na qual fala sobre o tema debatido durante o evento.

### Ecos do Evento

"O conteúdo abordado foi muito interessante. O que dificultou a compreensão foi a explanação sem nexos realizada pelo professor, o que é praticamente inevitável, porque o próprio Foucault é desconexo. Acredito que a questão do cuidado de si e da liberdade em Foucault são dois tópicos que poderiam ser mais aprofundados em discussões como essa, em vez de pincelar vários conceitos e deixar todos vagando. Como trabalho com Direito Penal, essa discussão é muito importante para meu trabalho com os alunos em sala de aula".

*Prof. MS Fábio Agne Fayet, professor na Ulbra.*

"Procurei esse ciclo de estudos sobre Foucault, porque estou realizando um trabalho sobre a história do Hospital São Pedro, em Porto Alegre. As palestras têm me ajudado a tirar dúvidas e refletir sobre a psiquiatria através da questão da loucura, em Foucault. É um evento abrangente para diversas áreas".

*Edson Cheuiche, historiador.*

"Estou adorando. As palestras estão me ajudando a compreender aspectos que não estavam claros sobre Foucault, já que eu havia lido suas obras apenas secundariamente para meu trabalho de conclusão de curso. O professor Nardi faz com que tenhamos vontade de ler, dá um estímulo para aprofundar as leituras ou nos iniciarmos em Foucault. O que me chama a



atenção em Foucault é a questão do poder. Estamos acostumados a ter uma leitura negativa, e Foucault vai nos mostrar que o poder existe”.

*Tatiana Missel, pesquisadora e graduada em Educação Física pela Unisinos.*

## III Encontro de Investigadores Latino-americanos de Cooperativismo

### Lançamento do Prêmio Roque Lauschner

O Comitê Regional Latino-Americano de Investigadores em Cooperativismo (ACI) convida todos os interessados a participarem do **III Encontro de Investigadores Latino-americanos de Cooperativismo**, que terá como sede a Unisinos, nos dias 28, 29 e 30 de abril de 2004. O evento é dirigido a pesquisadores, cooperativas, dirigentes de cooperativas e acadêmicos dos cursos: Serviço Social, Administração, Economia, Contabilidade e Direito.

As inscrições podem ser feitas até amanhã, dia 27 de abril, na Coordenação de Admissão e Matrícula da Unisinos, ou via fax pelo número (51)590-8305. O investimento é de R\$ 120,00 para estudantes e R\$ 180,00 para profissionais. Os participantes receberão certificado de frequência.

A comissão coordenadora é composta por Luís Humberto de Mello Villwock, José Odelso Schneider, Egon Roque Fröhlich, Darnis Corbellini, Paulo Peixoto de Albuquerque e Vera Regina Schmitz. O encontro é uma promoção da Unisinos através do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, do Instituto Humanitas Unisinos, da Cátedra Unesco Unisinos e da Aliança Cooperativa Internacional (ACI). O apoio é da OCERGS/SESCOOP-RS. Maiores informações podem ser obtidas pela linha direta Unisinos (51)591-1122, pela página [www.unisinos.br/extensao](http://www.unisinos.br/extensao) ou pelo e-mail: [eventos@unisinos.br](mailto:eventos@unisinos.br)

### Confira o programa do evento

#### Dia 28/4

15h às 16h30 - Mesa-redonda: *O Cooperativismo na América Latina.*

Roberto Rodrigues - Ministro da Agricultura e do Abastecimento - *O Cooperativismo: sua importância e seus desafios na América Latina em tempos de ALCA e de MERCOSUL*

Marcio Lopes de Freitas – Presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) - *Visão panorâmica do cooperativismo brasileiro, seus desafios e perspectivas, debilidades e forças, ameaças e oportunidades, no atual momento político e econômico brasileiro.*

Daniel Betancur - Secretário Técnico da Reunião Especializada de Cooperativas do MERCOSUL (RECM) - *A pesquisa sobre cooperativismo no atual contexto latino-americano.*

Moderador: Egon Roque Fröhlich – PPGCSA/Unisinos.

Debatedor: José Odelso Schneider – PPGCSA/Unisinos.

17h30min – Cerimônia de formatura da turma CESCOOP XXVI.

18h – Lançamento do Prêmio Roque Lauschner - Otto Guilherme Konzen e José Odelso Schneider.

18h30min - Apresentação do Coral Infante-Juvenil – Unisinos.

#### Dia 29/4

9h – Sessão 1 - Apresentação de trabalhos nas diversas oficinas.

11h – Sessão 2 - Apresentação e discussão de trabalhos.

14h – Sessão 3 - Apresentação de trabalhos nas diversas oficinas.  
 16h30min - Sessão 4 - Apresentação de trabalhos nas diversas oficinas.  
 18h15 min – Palestra: *O complexo cooperativo agropecuário na Argentina*  
 Palestrante: Juan Carlos Basañes - Secretário Executivo da CONINAGRO/Argentina.

#### **Dia 30/4**

9h – Mesa-redonda: *Cooperativismo e Redes*.  
 Ademar Schardong – Presidente do Bansicredi .  
 Marco Antônio Eckert – Diretor de Marketing e de Desenvolvimento UNIMED/RS – Federação Sigismundo Bialorskoski Neto – Diretor da FEA/USP/Ribeirão Preto.  
 Oscar Bastidas Delgado – Escola de Administração e Contadoria da Universidade Central da Venezuela.  
 Moderador: Luis Humberto de Mello Villwock – PPGCSA/Unisinos.  
 Debatedor: Paulo Peixoto de Albuquerque – PPGCSA/Unisinos.  
 11h15min – Mesa-redonda: *Cooperativismo e pluralidade para fazer frente à exclusão social*.  
 João Guerino Gervasoni – OCERGS/SESCOOP.  
 Giovanni Cherini - Presidente da FRESCOOP - Assembléia Legislativa do RS.  
 Walter Tesch - Prof. UNIB, Dir Relações Internacionais FETRABALHO/SP – Presidente de CICOPA Américas/ACI.  
 Moderador – Luis Inácio Gaiger – PPGCSA/ Unisinos.  
 Debatedor: Dr. Walter Frantz – UNIJUI.  
 14h – Sessão 5 -Apresentação de trabalhos nas diversas oficinas.  
 16h - Sessão 6 -Apresentação de trabalhos nas diversas oficinas.  
 17h - Carta Cooperativista de São Leopoldo – Leitura e Discussão.  
 17h30min - Entrega do Prêmio Roque Lauschner ao melhor trabalho e apresentação do mesmo em plenário.  
 18h - Lançamento do IV Encontro de Investigadores Latino-Americanos de Cooperativismo.

### **Caderno *IHU Idéias* n.º 13**

## **Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular - Prof.<sup>a</sup> Dra. Edla Eggert**

A professora Edla Eggert, do PPG em Educação da Unisinos, contribuiu, mais uma vez, com os **Cadernos *IHU Idéias***. O Caderno n.º 2 teve como tema *O feminismo ou os feminismos: uma leitura das produções teóricas*. O n.º 13 traz uma interessante reflexão sobre destaques da pesquisa realizada no processo de doutoramento. *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* é um texto provocador, cheio de vida, com depoimentos de mulheres participantes. Após cinco anos da conclusão da tese, Edla traz novas incursões nesse campo rico da história das comunidades pomeranas no Rio Grande do Sul, especificamente no município de São Lourenço do Sul.

O texto divide-se nos tópicos: *das histórias das entrevistas que viraram narrativas; situando o contexto das mulheres entrevistadas; pomeranas parceiras no caminho da roça; algumas marcas identificadas nas seis narrativas: sutis cumplicidades no fazer Igreja,*

*Teologia e Educação Popular; a benzedura: forma de retornar ao passado ou reconstituir um saber oprimido?; o exercício da liderança eclesiástica – um outro jeito de buscar espaços; as aprendizagens que a escola não viu...; e referências bibliográficas.*

## Sala de Leitura

No último dia 20 de abril de 2004, das 17h30min às 19h, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Vasconcelos Franzen, do PPG em História da Unisinos, apresentou o seu livro **Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. 125p. (Novos Estudos).

### Ecoss do Evento

“Foi a melhor aula de História que tive em toda minha vida. Foi uma explanação muito envolvente, porque a professora sabe detalhes minuciosos sobre a história da colonização, sobre o papel dos jesuítas, sobre os índios e as disputas que havia entre eles. Foi muito bom”.

*Rosângela Gentelini, funcionária na Editora Unisinos.*

## IHU Idéias

O tema *Os arquivos de repressão das ditaduras de Segurança Nacional* foi abordado na última edição de IHU Idéias, realizada dia 22 de abril de 2004. O Prof. MS Enrique Serra Padrós, professor e doutorando na UFRGS, foi o responsável pelo debate.

### Ecoss do Evento

“O professor Padrós estuda a face obscura da História do Brasil e do Conesul e torna-se um historiador pioneiro por isso. Os dados apresentados marcam o início de uma nova era sobre essa etapa crucial da história brasileira, que foi a ditadura militar”.

*Prof. Dr. Werner Altmann, professor e coordenador do PPG em História da Unisinos.*

“Com a palestra de hoje, percebemos o quanto é importante o acesso a essas informações, pois sabemos pouco sobre como tudo aconteceu realmente. Esses debates promovidos são interessantes para termos novas descobertas”.

*Leonardo Sampaio, mestrando em Comunicação na Unisinos.*

## IDÉIAS DE DEMOCRACIA NO BRASIL

Na semana em que se comemora os 20 anos do movimento das Diretas Já e no mês do 40º ano da ditadura militar, no **IHU Idéias** desta quinta-feira, no dia 29 de abril de 2004, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sirlei Teresinha Gedoz, professora de História nas Ciências Humanas da Unisinos, abordará o tema **“Idéias de democracia no**

**Brasil, 1965-1987: MDB/PMDB X PT?**”. Graduada em Estudos Sociais e em História pela Unisinos, a professora Sirlei é mestre em História também pela Unisinos, tendo sua dissertação o título “**O tripé povo, democracia e conciliação no discurso do Congresso Nacional, Brasil, 1979-1989**”. Em 2002, concluiu o doutorado em História pela PUCRS e sua tese intitulou-se “**Idéias de democracia no Brasil: Tancredo Neves, o homem-síntese: ou diretas na lei ou na marra**”.

Confira a seguir a entrevista concedida, por e-mail, pela professora ao **IHU On-Line**. Para ela, só existe democracia em sociedades que permitem explicitações das tensões, mas estas explicitações do conflito não devem ser encaradas como catarse para que tudo fique no mesmo lugar, mas sim, para que se corrijam rumos, a fim de que se busquem novas estratégias de inclusão.

**IHU On-Line - Quais os principais aspectos a serem levantados na apresentação “Idéias de democracia no Brasil, 1965-1987: MDB/PMDBX PT?”?**

**Sirlei Gedoz** - Entre os aspectos a serem abordados está a conjuntura sociopolítica, que levou ao golpe civil-militar em 1964. Nesse aspecto, as questões centrais em jogo são o fim da possibilidade de manter o modelo político implantado em 1930. Modelo que viveu uma permanente tensão entre a inclusão das massas como agentes políticos e mesmo no processo econômico em uma ponta e na outra ponta, a alienação destas dos processos de decisão política. Esse projeto se sustentava numa idéia de que o executivo máximo (presidente) era neutro, creio que a figura do “pai” cabe muito bem aqui. Pois bem, em 1964, esse modelo político estava em xeque pela politização da sociedade, universitários, propostas educacionais, operariado, camponeses, intelectuais e os grupos econômicos ligados ao capitalismo internacional exigiam uma tomada de posição mais clara. As massas especificamente ameaçavam sair do controle, de romper o pacto de conciliação. Outro ponto a ser levantado é a impossibilidade de se pensar em democracia de massas, de grande inclusão social, dentro de um sistema capitalista. Não estou dizendo que a saída é o socialismo, mas o capitalismo é, por princípio, antidemocrático. Por fim, analisa-se a questão dos partidos e do parlamento, especificamente nas suas falas e documentos, o que entendiam por democracia, que questões-chave eram tematizadas com a democracia.

**IHU On-Line - Por que a escolha especificamente deste período histórico?**

**Sirlei Gedoz** - Em primeiro lugar, pesaram fatores subjetivos. Ingressei na escola no mês do golpe, mas já, em 1961, as discussões em torno da legalidade, de Brizola e do comunismo, muito mais do que um governo chefiado por Goulart pautavam as intermináveis discussões familiares, havia defesa de todos os matizes. No ambiente familiar, respirava-se política e esta se capilarizava nos espaços de sociabilidade, igreja, clube, festas.... Mas a segunda, e mais importante questão, foi tentar olhar mais para o processo de descrédito por que as instituições representativas passam no Brasil. Não sei se houve algum momento em que foram consideradas essenciais (parlamento, partidos, sindicatos...), porém, se, durante a ditadura, eram considerados essenciais para a vigência de um regime democrático. Mal engatinhávamos na década de 1990, quando essas instituições são vistas como fonte de permanente corrupção, de se distanciarem das necessidades mais vitais da população brasileira. A mídia é, paralelamente, a grande disseminadora dessas idéias que ajudam a desgastá-las. É claro, não sou ingênua, há a própria necessidade de se buscar outras instâncias de participação política para demandas, necessidades e conjunturas históricas, formas de participação e de decisão política diferentes. Assim, procurei ver o que para mim se constitui o grande mote das sociedades humanas, a democracia, que aspectos aproximam e distanciam o que considere dois campos partidários de centro-esquerda: MDB/PMDB, de um lado, e de outro, o PT .

**IHU On-Line - Qual foi o principal limite nas idéias de democracia de ambos os partidos na época?**

**Sirlei Gedoz** - Quanto ao MDB/PMDB, a idéia de que existe uma separação entre a democracia política e a democracia econômica. É corrente no MDB/PMDB a afirmação: "Fizemos a democracia política, agora, temos que fazer a democracia econômica". Outro limite do MDB/PMDB foi dar demasiado crédito a uma democracia negociada pelo alto e presa, por isso mesmo, ao formalismo da lei e aos ditames liberais. Com isso, não se despreza a importância da (re)constitucionalização do estado. Quanto ao PT, a incapacidade de pensar para além dos limites impostos pelo liberalismo e pelo socialismo, além do dilema revolução pela base e desobediência civil ou aceitar e jogar dentro das regras do jogo existente. Num falso dilema a meu ver.

**IHU On-Line - De que forma a compreensão das idéias de democracia desse período podem iluminar a compreensão das idéias de democracia contemporâneas?**

**Sirlei Gedoz** - De certa forma, as questões 3 e 4 estão profundamente ligadas. Tanto o MDB/PMDB como o PT têm seus pressupostos teóricos ancorados nas correntes liberal e socialista. Diria que o MDB/PMDB é estritamente liberal enquanto o PT bebe das duas fontes, até porque não podemos falar em democracia socialista sem falar em democracia liberal. Diria que o atual processo político, econômico e social e, neste ponto, me atrevo a ir além de estruturas partidárias particulares e frisar que existe uma cultura político-partidária brasileira. Independente, portanto, de partidos, duas grandes preocupações são a "estabilidade do estado e da moeda" e a busca de aval dos agentes econômicos internacionais (FMI, Banco Mundial, Citigroup, JP Morgan..) para as políticas governamentais. Essa é uma tradição política brasileira, e que, da forma como ocorreu o retorno ao estado democrático de direito, nos anos 1980, um grande "acordo pelo alto", sedimentou de forma duradoura a idéia de democracia como normalidade institucional e como política econômica estável. Essas duas premissas, a estabilidade do estado e da moeda e a normalidade jurídica (questionável diante da sanha de reformas constitucionais) bastam, pouco importando indicadores de desemprego, de violência e de exclusão política, social e cultural.

**IHU On-Line - De que forma a universidade pode ou deve ajudar a construir novas idéias de democracia?**

**Sirlei Gedoz** - Um dos pilares da universidade é a produção do conhecimento, o outro é a formação para o trabalho. Só estes dois enfoques mostram que ela sempre estará pautando esse debate seja pelo envolvimento explícito, claro, seja pela omissão. Se a universidade produz conhecimento, por princípio, então, a grande preocupação deve ser ao lado da qualidade do conhecimento produzido perguntar-se: "de que forma estou contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária, mais solidária." Deve perguntar-se, ainda, sobre seu papel na sociedade e de que forma a gestão universitária está sendo democrática - no sentido em que eu entendo a democracia - como a explicitação das diferenças e do conflito. Na minha compreensão, a universidade não existe se não permite a externalização dos conflitos, das diferenças. Mais, se é verdade que o mito do pesquisador solitário, isolado das necessidades prementes do mundo real, há muito tempo, caiu por terra, não é possível crer numa universidade vergada às verdades do mercado. Portanto, a universidade tem papel importante no processo de enraizamento democrático, reconhecendo que o que produz em seu interior é fruto, principalmente, da divergência de idéias, das diferenças culturais, das concepções diferenciadas de tempo e do chamamento ao debate dos seus grandes parceiros, professores e funcionários, assim como de seus alunos.

### Confira as próximas edições de *IHU Idéias*:

**06/05/04** – “A atualidade do pensamento ético de Kant para o séc. XXI” – Prof. Dr. Valério Rohden – Professor na Ulbra

**13/05/04** – “O declínio do regime autoritário e a redemocratização do Brasil” – Prof. Dr. Carlos Schmidt Arturi – Professor na UFRGS

**20/05/04** – “São Leopoldo: arquitetura moderna e perspectivas de patrimônio” – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Torres Rossari – Professora na Unisinos

### KARL RAHNER E O CONCEITO DE CRISTIANISMO

O Prof. Dr. Érico João Hammes, da PUCRS, fará a apresentação do livro **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo**, de Karl Rahner (São Paulo: Paulinas, 1989), durante o evento **Abrindo o Livro**, dia 28 de abril de 2004, das 19h45min às 22 horas, na sala 1G119 do IHU. A apresentação contribui na preparação do Simpósio Internacional **O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**, a ser realizado de 24 a 27 de maio de 2004, na Unisinos, e celebrará o centenário de nascimento de Karl Rahner.

O Prof. Dr. Érico Hammes é graduado em Teologia pela PUCRS, em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (FAFIMC), e mestre e doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG), Itália. Sua dissertação de mestrado intitula-se **Deus e o Jesus histórico na Cristologia de Jon Sobrino** e sua tese de doutorado tem o título **Filii in Filio: A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino**. Esse trabalho foi publicado pela Editora da PUCRS, em 1995. Um dos projetos de pesquisa que desenvolve atualmente se chama **A Cristologia de Karl Rahner a partir do Grundkurs des Glaubens**.

Sobre Karl Rahner publicamos um artigo de Rosino Gibellini no n.º 90, de 1º de março de 2004. Confira a seguir a entrevista que o professor concedeu a **IHU On-Line** na última semana:

#### **IHU On-Line - Qual é a principal contribuição de Karl Rahner para a teologia contemporânea?**

**Érico Hammes** - Provavelmente a principal contribuição de K. Rahner para a teologia contemporânea seja a ousadia de pensar. Não é por nada que faz referência à famosa expressão hegeliana do "esforço do conceito". Como bom suevo (da região chamada Suévia, na Alemanha), era um trabalhador compulsivo. E isso também se traduzia em seu *metier* teológico. "É preciso fazer algo", dizia com frequência. É muito comum encontrar referências à preguiça mental como um defeito a ser superado. Com essa disposição, jamais se acomodava a fórmulas feitas, ainda que viessem da Tradição ou do Magistério. Do ponto de vista material, provavelmente a contribuição mais significativa tenha sido a interpretação conseqüente do significado antropológico da fé. O ser humano é ouvinte da Palavra por ter uma familiaridade criatural com essa mesma Palavra.

#### **IHU On-Line - O que é a fé para Rahner e quais seus principais fundamentos?**

**Érico Hammes** - No verbete correspondente num pequeno vocabulário teológico editado por Rahner e Vorgrimler<sup>11</sup>, podem reconhecer-se os traços comuns de sua concepção de fé. Trata-se, basicamente, da autocomunicação divina, oferecida ao ser humano, e correspondida por

<sup>11</sup> De H. Vorgrimler o **IHU On-Line** n.º 97, de 19 de abril de 2004, publicou uma entrevista sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano II nascido há 100 anos*.

esse, na confiança e entrega. Assim entendida, a fé consiste numa relação humano-divina, baseada no dom divino, na graça e num modo de vida coerente, livre e responsável. Crer é um ato de amadurecimento e maturidade humana.

***IHU On-Line* - Em que aspectos o teólogo poderia ajudar a construir uma teologia pública que responda aos desafios da universidade do Século XXI?**

**Érico Hammes** - Rahner leva muito a sério o diálogo fé e ciência. A teologia, como reflexão da fé, recorre à filosofia como um dos seus instrumentos, mas hoje deve ser capaz de dialogar com os demais campos do saber. Embora sempre esteja situada no âmbito da comunidade eclesial, é sua tarefa expor ao mundo os conteúdos fundamentais como parte da responsabilidade que tem pela sociedade como um todo. Como teólogo, o próprio Rahner foi professor universitário, e não apenas para teólogos. Seu livro, *Curso fundamental da fé*, nasceu de aulas abertas a um público livre na Universidade de Munique. Praticou, além disso, o diálogo com pensadores e cientistas do seu tempo, tratando de temas como ateísmo, evolucionismo, era atômica, desequilíbrio social, sem falar dos problemas éticos. Fez-se presente nos meios de comunicação e foi reconhecido publicamente, inclusive como nome de praça.

***IHU On-Line* - Qual é a missão da universidade, e nela da teologia, numa sociedade cada vez mais excludente?**

**Érico Hammes** - A universidade, no contexto atual, tem como primeira missão produzir conhecimento relevante para o todo da sociedade. Levando em consideração a crescente exclusão social e tecnológica, essa missão se traduz também como inclusão. Permitir que o País e sua população tenham a chance de participar de um mínimo de vida digna. Sob esse ponto de vista não pode contentar-se em capacitar pessoas que depois excluirão outras menos preparadas. Formar para a responsabilidade pública é componente fundamental de uma universidade séria num mundo crescentemente individualista, marcado pela competição. A teologia tem a missão de explicitar as conseqüências includentes da fé. Considerando o fato de ser uma ciência responsável diante do divino, cabe-lhe mostrar a presença desse divino nas situações concretas de pessoas e situações excluídas.

***IHU On-Line* - Qual é a visão de Rahner sobre o diálogo inter-religioso e de que forma esse diálogo poderia ser mais incisivo na nossa sociedade brasileira?**

**Érico Hammes** - Karl Rahner tem uma famosa expressão para abrir o cristianismo às demais religiões. Trata-se da idéia do "cristão" ou do "cristianismo anônimo". Entende ele que Jesus Cristo é a autocomunicação insuperável e irreversível do mistério divino à humanidade. Não há forma alguma superior à comunicação divina para a humanidade. No entanto, essa comunicação não fica restrita aos que a conhecem ou aceitam, mas inclui todas as pessoas fiéis à sua experiência religiosa. Assim sendo, o cristianismo tem uma função servidora: existe para os outros e nele todos os demais podem encontrar-se. Na sociedade brasileira, esse diálogo implica, antes de mais nada, a aceitação de uma pluralidade religiosa, nem sempre permitida ao longo da história. Não se pode pensar num monopólio cristão da busca de sentido, mas também não seria adequado pensar numa indiferença ou num sincretismo primário. Requer-se muito mais um desenvolvimento do diálogo e da prática, visando sempre ao ser humano concreto.

***IHU On-Line* - Quais os interrogantes aos quais Rahner ainda não conseguiu responder?**

**Érico Hammes** - É claro que Rahner é um teólogo, homem, jesuíta, alemão, do século XX, formado numa tradição filosófica determinada e com uma experiência de pobreza e estado de

bem-estar ao mesmo tempo. As questões relativas ao terceiro mundo, mesmo às Igrejas locais, não foram exaustivamente abordadas por ele, mesmo que tivesse compreensão e simpatia por teologias não européias. É sabido que se empenhou na defesa da Teologia da Libertação, por exemplo. E embora reconhecesse a legitimidade da Teologia Política de seu discípulo Johann Baptist Metz, ele mesmo não enveredou por esse caminho. De modo semelhante, a Teologia Feminista não foi tratada por ele. As atuais leituras a partir das culturas, embora possam encontrar impulsos em sua teologia, representam uma superação de seu pensamento. No campo especificamente teológico, sua reflexão trinitária não aprofundou o tema da pessoa e nem da comunhão, embora diagnosticasse o mal-estar da teologia nesse campo.

## IHU REPÓRTER



### Gustavo Daudt Fischer

*Professor, publicitário, músico, juiz de futebol... Gustavo Fischer, coordenador do novo curso de Comunicação Digital da Unisinos, é o perfil traçado nesta edição. Filho de uma família conhecida no ambiente acadêmico, ele conta na entrevista a seguir como essa vivência o influenciou e contribuiu para o exercício de sua profissão, que considera um privilégio.*

**Origens** – Nasci em Novo Hamburgo, em 1973, numa família de professores. Tenho uma irmã três anos mais nova, Janáina, formada em Publicidade e Propaganda e profissional de produção em vídeo. Morei em Novo Hamburgo até os quatro anos, quando meu pai foi fazer doutorado na Universidade de Stanford, na Califórnia, e nós o acompanhamos. Foi uma grande experiência, que influencia até hoje na minha forma de ver o mundo. Minha primeira alfabetização foi em inglês e as primeiras amizades que fiz foram lá. Retornamos para Novo Hamburgo no início dos anos 1980, depois de dois anos e meio na Califórnia. Meu pai começou a trabalhar na UFRGS e em 1985 nos mudamos para Porto Alegre.

**Família** – Venho de uma família com muitos professores. Meus pais, alguns tios e tias, meus avós por parte de pai, eram professores, seja de catequese, magistério ou de outras áreas. Meu avô tinha vários empregos por ter família grande, com 12 filhos. Ele trabalhava de sol a sol e passou para todos a grande preocupação com a educação. No exercício da profissão, meus familiares sempre tiveram uma relação pessoal de dedicação, de atenção à pessoa, e não à burocracia de dar uma aula, ou à formalidade de cumprir um currículo. Meu avô, Eugênio Fischer, foi funcionário do gabinete da reitoria na Unisinos e ele tinha um trabalho junto aos demais funcionários, numa relação mais humana, mais fraterna. Esse é o aprendizado que eu tive nesse vínculo de professores em minha família. No início, eu tinha uma aversão dessa história de dar aula, de tanto que eu ouvia falar, em casa, no almoço, no jantar, o tempo todo. Depois de um tempo, a atividade acabou me conquistando e hoje é meu “prato predileto”. Eu trago comigo esse compromisso de que a sala de aula é um lugar para além do conteúdo, é um lugar de relação humana. É um privilégio dar aula e quando se encara como privilégio, tem-se outra atitude com o aluno.

**Formação** – Ainda criança, em Novo Hamburgo, estudei no Colégio Santa Catarina e no Colégio Municipal Wolfram Metzler. Da 5ª série do ensino fundamental até o final do ensino



médio, estudei no Colégio Anchieta, em Porto Alegre. Em 1991, prestei vestibular e iniciei o curso de Publicidade e Propaganda na UFRGS, formando-me em 1994. A influência acadêmica da minha família bateu forte e resolvi fazer o mestrado em Ciência da Comunicação, aqui na Unisinos. Este ano ingressei no doutorado em Ciência da Comunicação na Universidade.

**Música** – Pensei também em fazer vestibular para música, porque estudei violão clássico durante muito tempo. É uma paixão que eu tenho, desde os 11 anos. Vi o primeiro Rock in Rio Festival pela televisão. Voltei para a sala de aula em março, na quinta série, e eu e meus amigos decidimos montar uma banda. Cada um se comprometeu a aprender um instrumento e o meu foi o violão. Com o passar dos estudos, a professora me sugeriu que eu estudasse violão erudito. Foi o que fiz e gostei bastante da experiência. Depois parei ir à aula, mas continuei tocando até hoje, nas rodas de amigos. Apesar da minha timidez, gosto muito disso. É terapêutico e positivo culturalmente. A partir da música, é possível discutir uma série de conceitos sobre a cultura *pop*.

**Escritor** – Gosto muito de escrever. Esse é um lado que eu procuro desenvolver, que me atrai bastante. No ano passado, lancei um livro de contos, pela Editora Armazém Digital, que se chama **No auto-exílio do meu headphone**. Mantenho também duas colunas em sites, em Porto Alegre: [www.argumento.net](http://www.argumento.net) e [www.poavibe.com.br](http://www.poavibe.com.br).

**Profissão** – No segundo ano da faculdade, comecei a fazer alguns estágios como redator publicitário e logo passei a trabalhar nos departamentos de criação em diversas agências. Isso continuou depois da formatura. No início de 1998, meus pais voltaram aos Estados Unidos em função do pós-doutorado do meu pai. Resolvi acompanhá-los porque eu estava repensando minha carreira. Fiquei com eles de agosto de 1998 a fevereiro de 1999. Entre outras atividades, trabalhei lá como juiz de futebol num campeonato infantil, uma experiência extremamente interessante. Retornei ao Brasil e retomei o trabalho com a propaganda. Trabalhei na Exitus, que hoje se chama Agência Matriz (responsável pelas campanhas da rede Zaffari de supermercados). Senti que isso não me completava. Durante um período, fui professor de inglês. Essa experiência de sala de aula foi muito boa. Quando eu estava cursando o final do primeiro ano do mestrado, abriu seleção para professores de redação publicitária aqui na Unisinos. Eu tinha oito anos de experiência nessa área e tinha me saído bem como professor. Fui selecionado e comecei com duas turmas no início de 2001.

**Trajetória na Unisinos** – Depois de meio ano atuando em sala de aula, o professor Jorge Jardim me convidou para integrar a coordenação do curso de Publicidade e Propaganda junto com a professora Simone Cunha e o professor Ricardo. No final daquele mesmo ano, as direções foram trocadas, e a professora Ione Bentz pediu para que eu continuasse na coordenação adjunta, ao lado da professora Anya Sartori, dedicando-me mais às disciplinas que chamamos de “tronco comum”, que atendem às três habilitações da comunicação na Unisinos: Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Relações Públicas. No ano passado, a professora Ione me chamou para pensarmos na proposta de um curso que integrasse a questão da tecnologia da comunicação e da informação, com as abordagens da carreira do comunicador social. Seria um curso que ambientasse a discussão do digital e tecnológico, da cibercultura e das necessidades de uma carreira mais moderna junto à área da comunicação. Esse encaixe teria então a parceria do Grupo RBS. Embarquei na formulação desse projeto, um trabalho bastante árduo e muito acelerado que começa a se desenvolver com a primeira turma em 2004.

**Autor** – Douglas Coupland.

**Livro** – *Microservos*, de Douglas Coupland.

**Filme** – Fui marcado na minha infância pela trilogia *Guerra nas Estrelas*.

**Um presente** – Camiseta.

**Nas horas livres** – Tocar violão e assistir as sitcoms (situation comedies) na televisão.

**Um sonho** – Conseguir escrever mais ficção e fazer uma viagem prolongada, para Tóquio, talvez.

**Momento marcante** – A defesa da minha dissertação de mestrado foi um momento muito bonito.

**Unisinos** – Um espaço para o desenvolvimento de desafios. Um ambiente de trabalho em que se devem priorizar as relações humanas, apesar das questões administrativas. Por ser Unisinos, este é um compromisso inicial, e não algo que venha anexado.

**IHU** – A lembrança para todos os setores da Universidade de que ela tem uma célula inicial, que não deve ser abandonada mesmo diante de dias mais difíceis.

## Sala de Leitura



“O livro que estou lendo é ***A viagem de Théo***, de Catherine Clement. (São Paulo: Cia. das Letras, 1998). Trata-se de um romance sobre os fundamentos das religiões mais praticadas no mundo: catolicismo, islamismo, judaísmo, budismo, protestantismo, etc. O personagem principal do livro chama-se Théo Fournay, adolescente parisiense que tem duas características especiais: adora ler e sofre de uma doença grave. É por causa desta doença que sua tia intelectual e cosmólita, Marthe, o leva numa viagem pelos diversos centros sagrados do mundo para que Théo conheça de perto o que só viu nos livros. É nesse contexto que Catherine Clement nos leva ao mundo das religiões com admirável equilíbrio intelectual e estilo literário cativante. É uma viagem histórica e espiritual fascinante que possibilita compreender a humanidade tendo como referência as religiões”.

*Prof. Dr. Cláudio Damacena, graduado em Ciências Econômicas, doutor em Ciências Econômicas e Empresariais e professor nas Ciências Econômicas da Unisinos.*



“Estou lendo ***Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)***, de Silvia Cezar Miskulin. (São Paulo: Xamã, 2003, 216 páginas). É um livro bastante interessante que analisa o suplemento semanal do periódico *Revolución*, denominado *Lunes*. Vários intelectuais cubanos publicaram artigos nesse suplemento, que foi editado entre os anos de 1959 a 1961. O objetivo central da autora consiste em compreender a posição dos escritores em relação à revolução cubana, principalmente quando o movimento inicia seu processo de adesão ao comunismo e foram adotadas medidas de supressão da liberdade de imprensa. Focaliza, na introdução, os

aspectos teóricos e metodológicos que permitem utilizar a imprensa como fonte historiográfica e, também, a interpretação que é dada ao papel dos intelectuais na nova história política. Ao longo dos capítulos, a autora oferece dados sobre os temas publicados no suplemento e seus autores, procurando sempre explicar as razões para a curta vida do mesmo. Acompanha, assim, a trajetória dos intelectuais que publicaram ensaios no periódico, desde o momento em que apoiaram o movimento de Fidel Castro, em 1959, até quando tomaram posição contrária aos rumos que a revolução tomou. Destaca, também, os problemas enfrentados pelo suplemento, quando dessas críticas, as quais foram responsáveis pelo seu encerramento em 1961. A coletânea completa dos exemplares de *Lunes* se encontra na Universidade de Stanford (Califórnia), podendo ser adquirida em microfímes”.

*Profª. Heloisa Reichel, graduada e mestre em História, doutora e pós-doutora em História Social e professora do PPG em História da Unisinos.*



“Estou lendo o livro **Terapia** (Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, 171 páginas), que Ariel Dorfman escreveu para a série *Plenos Pecados* da Editora Objetiva. O pecado em questão é a avareza. Para descrevê-la em forma de romance, Dorfman monta uma trama onde o personagem principal, Grahlan Blake, empresário de sucesso que parece ter uma vida perfeita, é acometido de uma crise pessoal que lhe tira o sono, a fome, a libido. Sem alternativas, Blake paga três milhões de dólares para o *Instituto Terapia Vital* curá-lo em apenas um mês. O tratamento consiste em transformar Blake numa espécie de Deus que acompanha a vida de uma família através de câmeras e microfones e decide o que vai acontecer com ela. Vale a pena ler”.

*Prof. MS Felipe Pezzi, graduado em Psicologia, mestre em Psicologia do Desenvolvimento e professor nas Ciências da Saúde da Unisinos.*

## Cartas do leitor

Parabéns para este informativo, pois em várias oportunidades ele foi de grande apoio às aulas. Cito especialmente, o n.º 65 de junho de 2003, sobre José Martí, 150 anos que pude apresentá-lo aos graduandos na disciplina de Atualidade Latino Americana. O informativo, que tratou sobre o 8 de março, onde trouxe entrevistas com mulheres que analisam os movimentos atuais, li e fiz resumo para 5 turmas que leciono na Unisinos.

Assim, quero afirmar que toda semana espero com avidez pelo IHU On-Line porque os temas são oportunos, atuais e sempre tem a marca de uma certa ousadia rimando com indignação face a realidade existente

Cordialmente,  
Arlete Arruda

Ao IHU On-Line,

Tomo conhecimento de uma excelente resenha do livro "Os primeiros jesuítas", no n.º 97, que me aumentou muito o desejo de lê-lo. Senti falta no texto de uma referência ao nosso pranteado Prof. Domingos Donida. Foi talvez traduzir o volumoso texto de O'Malley uma de suas últimas grandes obras. Muitas vezes falava-me do texto que traduzia prazeiroso. Recordo,

tão logo foi dado a luz o "Os primeiros jesuítas" não muito antes da morte do Donida, ele acariciando a muito bem cuidada edição na loja da Editora Unisinos.

Numa homenagem de saudade ao colega, um sentimento do Attico Chassot

#### Errata

Na edição do boletim **IHU On-Line** n.º 96, à página 39, publicamos com incorreções os nomes de Octavio Paz, Marcel Proust, Antonio Machado e Bertrand Russel. Eles foram citados, entre outros, pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Xavier de Almeida, como alguns pensadores que marcaram a trajetória intelectual de Edgar Morin.

#### **EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – , da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Prof<sup>a</sup> MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Prof<sup>a</sup> Mardilé Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2<sup>as</sup> feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br) . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br) . Ramais: 1173 e 1195.*



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS